



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**OLGA SORRENTINO MARTINS**

**ESPONTANEIDADE E SISTEMATIZAÇÃO NA PRÁTICA DO PASSO: A**  
**ATIVIDADE DO COLETIVO PÉ DE FREVO EM JOÃO PESSOA**

**JOÃO PESSOA, PB**

**2024**

**OLGA SORRENTINO MARTINS**

**ESPONTANEIDADE E SISTEMATIZAÇÃO NA PRÁTICA DO PASSO: A  
ATIVIDADE DO COLETIVO PÉ DE FREVO EM JOÃO PESSOA**

Monografia apresentada como requisito parcial à  
conclusão do Curso Licenciatura em Dança da  
Universidade Federal da Paraíba.

**Orientadora:** Prof. Dra. Ana Valéria Ramos Vicente

**JOÃO PESSOA, PB**

**2024**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

M386e Martins, Olga Sorrentino.

    Espontaneidade e sistematização na prática do passo  
: a atividade do Coletivo Pé de Frevo em João Pessoa /  
Olga Sorrentino Martins. - João Pessoa, 2024.  
    56 f. : il.

    Orientação: Ana Valéria Ramos Vicente.  
    TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

    1. Dança -TCC. 2. Dança - Ensino não-formal. 3.  
Coletivo Pé de Frevo - João Pessoa, PB. 4. Frevo -  
Dança. 5. Materialismo histórico-dialético. I. Vicente,  
Ana Valéria Ramos. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 793.3(043.2)

**OLGA SORRENTINO MARTINS**

**ESPONTANEIDADE E SISTEMATIZAÇÃO NA PRÁTICA DO PASSO: A  
ATIVIDADE DO COLETIVO PÉ DE FREVO EM JOÃO PESSOA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba, como exigência para a obtenção do diploma de Licenciatura em Dança.

Aprovado em: 31/10/2024

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **ANA VALERIA RAMOS VICENTE**  
Data: 13/11/2024 09:40:42-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Valéria Vicente Ramos

Documento assinado digitalmente  
 **DENISE PEREIRA DOS SANTOS**  
Data: 31/10/2024 21:02:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.<sup>a</sup> Dra. Prof. Dra. Denise Pereira Dos Santos

Documento assinado digitalmente  
 **LÍRIA DE ARAÚJO MORAIS**  
Data: 06/11/2024 17:23:07-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.<sup>a</sup> Dra. Líria de Araújo Morais

Ao Frevo e ao Coletivo Pé de Frevo

## AGRADECIMENTOS

A Naná Vianna que iniciou minha relação com a arte.

A Valéria Vicente, pelo Coletivo Pé de Frevo, pelos ensinamentos, pela orientação neste trabalho e principalmente por sua contribuição ao frevo.

A todas as minhas professoras e professores, especialmente a Denise Pereira dos Santos por me apresentar a Psicologia Histórico-Cultural, e Líria Morais por me fazer questionar o que eu penso.

A meus colegas que me ajudaram e incentivaram ao longo do curso: Wagner, Hugo, Dri, Juliana, Helyne, Patrícia e tantos outros.

A Tarcizo Martins, meu pai, por cantar frevos, falar sobre frevo, dançar frevos e viver o frevo comigo desde que nasci.

A Gianna Sorrentino, minha mãe, por me levar e dançar frevo comigo nos primeiros blocos de carnaval que fui.

Ao Coletivo Pé de Frevo por fazer frevo em João Pessoa e me transformar em passista.

Aos participantes da pesquisa por colaborarem com o trabalho.

A Fernando Lima, pelo apoio imensurável e pela cumplicidade na observação do mundo.

Aos meus amigos Vinícius Lima, Luiza Dantas e Eleusis Monteiro pelo apoio.

Ao movimento Correnteza por lutar por uma universidade pública, gratuita e de qualidade para todos.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar transformações causadas pelo Coletivo Pé de Frevo nas atividades de seus integrantes relacionadas a frevo, investigando a relação entre o ensino de arte e a prática artística, com base no materialismo histórico-dialético. Podemos considerar que ao longo do século XX surgiram várias propostas novas de especialização da dança, destacando a sistematização do frevo por Nascimento do Passo. O Coletivo Pé de Frevo se caracteriza como um ambiente de ensino não-formal e tem sua prática estruturada a partir da abordagem de ensino de frevo proposta por Valéria Vicente, que coordena o Coletivo. A pesquisa contribui com a documentação de parte da história do frevo e do seu ensino em João Pessoa e com a reflexão sobre a relação entre ensino e prática. A pesquisa adota abordagem qualitativa, envolvendo análise de portfólio do Coletivo Pé de Frevo, aplicação de questionário, realização de grupo focal e revisão bibliográfica. A conclusão é que a participação no coletivo transformou a consciência e o envolvimento dos indivíduos nas atividades de frevo ao longo do ano.

**Palavras-chave:** materialismo histórico-dialético; ensino não-formal; dança; frevo; Coletivo Pé de Frevo.

## ABSTRACT

This work aims to identify transformations caused by the Coletivo Pé de Frevo in the activities of its members related to frevo, investigating the relationship between art education and artistic practice based on historical-dialectical materialism. Throughout the 20th century, several new specialization proposals in dance emerged, highlighting the systematization of frevo by Nascimento do Passo. The Coletivo Pé de Frevo is characterized as a non-formal teaching environment, with its practice structured around the frevo teaching approach proposed by Valéria Vicente, who coordinates the Collective. This research contributes to documenting part of the history of frevo and its teaching in João Pessoa and reflects on the relationship between education and practice. The research adopts a qualitative approach, involving analysis of the Coletivo Pé de Frevo's portfolio, the application of a questionnaire, conducting focus group, and literature review. The conclusion is that participation in the collective transformed individuals' awareness and engagement in frevo activities throughout the year.

**Keywords:** Historical-dialectical materialism; non-formal teaching; dance; frevo; Coletivo Pé de Frevo.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Encontro do Coletivo Pé de Frevo na Praça da Paz 06 de junho de 2023 .....	25
Figura 2 - Logomarca do Coletivo Pé de Frevo .....	26
Figura 3 - Encontro de 16 de setembro de 2022 .....	27
Figura 4 - Encontro de 05 de setembro de 2023.....	29
Figura 5 - Aquecimento do encontro do dia 26 de setembro de 2022.....	31
Figura 6 - Alongamento na aula do curso intensivo de Frevo dia 18 de janeiro de 2023.....	32
Figura 7 - Treino de passo na Praça da Paz 06 de junho 2023 .....	32
Figura 8 - Treino de passo na aula do curso intensivo de Frevo dia 18 de janeiro de 2023.....	32
Figura 9 - Integrantes alongando após apresentação dia 18 de maio de 2023.....	33
Figura 10 - Gráfico Tempo de participação.....	34
Figura 11 - Gráfico Participação regular.....	35
Figura 12 - Gráfico experiência anterior.....	35
Figura 13 - Gráfico mudança na relação com o frevo.....	36
Figura 14 - Pé de Frevo no Concerto de Carnaval da OSUFPB dia 10 de fevereiro de 2023....	37
Figura 15 - Foto após apresentação dia 18 de maio de 2023.....	37
Figura 16 - Cartaz de divulgação do espetáculo O passo da Saudade do grupo Frevoada.....	38
Figura 17 - Cartaz de divulgação do espetáculo Camisa de Carnaval.....	39
Figura 18 - Cartaz de divulgação do espetáculo Corpa Futurista.....	39
Figura 19 - Encontro do dia 19 de dezembro de 2023.....	43
Figura 20 - Encontro dia 17 de outubro de 2023.....	45

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
1.1	MINHA HISTÓRIA COM O FREVO.....	10
1.2	METODOLOGIA.....	13
<b>2</b>	<b>SISTEMATIZAÇÃO E ESPONTANEIDADE NO FREVO.....</b>	<b>14</b>
2.1	SISTEMATIZAÇÃO E ESPONTANEIDADE NA DANÇA.....	17
2.2	HISTÓRIA DO FREVO.....	18
2.3	O MÉTODO NASCIMENTO DO PASSO.....	20
2.4	INVESTIGAÇÃO COM COLETIVO PÉ DE FREVO.....	22
<b>3</b>	<b>COLETIVO PÉ DE FREVO.....</b>	<b>23</b>
3.1	O QUE É O COLETIVO PÉ DE FREVO.....	25
3.2	SURGIMENTO DO COLETIVO.....	26
3.3	VALÉRIA VICENTE, A FIGURA CENTRAL DO COLETIVO PÉ DE FREVO.....	28
3.4	PROGRESSÃO DAS AULAS.....	31
<b>4</b>	<b>PARTICIPAÇÃO DOS INTEGRANTES NAS ATIVIDADES DE FREVO.....</b>	<b>33</b>
4.1	NOVAS ATIVIDADES DE FREVO.....	36
4.2	OUTRAS TRANSFORMAÇÕES.....	40
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ESPONTANEIDADE E A SISTEMATIZAÇÃO NA PRÁTICA DO COLETIVO PÉ DE FREVO.....</b>	<b>45</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
	<b>APÊNDICE I.....</b>	<b>49</b>
	<b>APÊNDICE II.....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho é fruto de uma inquietação pessoal a respeito do ensino de artes na educação formal e não formal, especialmente em relação à compreensão da influência do ensino na realização das atividades artísticas fora da escola, na vida cotidiana. O ensino de artes foi sistematizado a partir das atividades artísticas, mas a sistematização exerce influências que afetam as artes que são realizadas fora do âmbito da educação intencional.<sup>1</sup> Assim se estabelece uma relação de interdependência (ação recíproca) entre o acontecimento da arte e o ensino da arte e é esse fenômeno que desejo investigar.

Como será visto no capítulo 2, a dança no contexto de ensino atinge seu objetivo quando é socializada para além do ambiente de ensino que tem um caráter preparatório para a realização da arte em um outro contexto social, seja ela o palco, a festa, o ritual. Mas, ao mesmo tempo, a realização em sala de aula pode promover uma experiência enquanto arte.

Por isso, para investigar a relação entre o ensino de arte e a prática artística, será estudado o caso do frevo na vida das pessoas que integram o Coletivo Pé de Frevo. A questão que visamos explorar é: a participação no Pé de Frevo transformou a relação dos integrantes com o frevo em suas participações em atividades de frevo para além da atuação do Coletivo?

Como será descrito no capítulo 3, o Pé de Frevo é um coletivo que se dedica ao Passo e que se desenvolveu a partir de uma ação de extensão de prática de Frevo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) coordenado pela Prof. Dra. e passista Valéria Vicente, em janeiro de 2022. O grupo realiza encontros semanais para prática e investigação do frevo, enquanto expressão de dança. Desde 2022, integro o coletivo e participo de suas atividades. Os encontros são abertos para quem quiser participar, então, reúne pessoas diversas, algumas que já integram o coletivo há dois anos e outras que participam esporadicamente das atividades. Essa pesquisa tem a hipótese de que a participação no Coletivo Pé de Frevo transformou as atividades dos integrantes com o frevo ao longo do ano e a relação com o frevo.

Essa hipótese surgiu da minha experiência, isso porque minha participação no coletivo me transformou e transformou minha relação com o frevo, com a dança e transformou minha participação em atividades com o frevo, então acredito que o mesmo possa ter acontecido com os outros integrantes do coletivo.

---

<sup>1</sup> A intencionalidade é um dos critérios usados por Libâneo (2000) para categorizar a educação, que se divide em “educação intencional” e “educação não-intencional”. A educação intencional pode ser subdividida em formal e não-formal, e a educação não-intencional em informal ou educação paralela.

## 1.1 MINHA HISTÓRIA COM O FREVO

Nasci em João Pessoa, minha mãe é pessoense e meu pai pernambucano, sempre morei em João Pessoa visitando Recife com frequência. Desde que tenho lembrança, o frevo fez parte da minha vida. Escutava discos de frevo, meu pai contava sobre o carnaval e agremiações, sobre músicas, cantava frevos para mim e dançava comigo. Minha mãe é muito festiva e quando eu fiquei maior ela me levava para blocos e dançava comigo. Outra referência para mim foi Breno Mattos, pai da minha melhor amiga de infância e artista, que fazia bonecos gigantes, entre eles o dragão da agremiação Eu Acho É Pouco, em Olinda. As letras dos frevos também me fizeram criar um imaginário dos “velhos carnavais” e do Frevo.

Assim, cresci amando a cultura do frevo. Brincava no bloco Cumade Flôzinha, da minha escola<sup>2</sup>, e aguardava o momento em que ia poder participar do carnaval dos adultos.

A dança do frevo, eu comecei a dançar em casa com meu pai, bem pequena. Eu pulava e tinha noção de que existiam passos, sabia o nome da tesoura, mas não sabia fazer, e tinha referência do “salto carpado”. Depois, por volta dos 12 anos, comecei a dançar com minha mãe nos blocos de João Pessoa e foi aí que aprendi a me deslocar no espaço dançando o frevo, mas não sabia nomes de Passos. Lembro que nessa época eu fazia, sem saber o nome, o passo faz que vai mas não vai, mas não lembro como aprendi. Eu queria aprender a fazer a tesoura, e lembro que aprendi vendo um vídeo na internet (não lembro se aprendi mais algum passo assim) e logo depois já estava ensinando para umas amigas no bloco da minha escola.

Então, cheguei à adolescência dançando assim: fazia a tesoura, o faz que vai mas não vai, chutando para frente e me deslocando pelo espaço de forma saltitada. Aprendi com meu pai alguns trejeitos do olhar para baixo, abrir os braços e manter um movimento de vai e vem pelo espaço.

Foi com 16 anos que comecei a acompanhar agremiações de carnaval de Pernambuco e olhava os passos que outras pessoas faziam e tentava acompanhar.

Então, entrei na graduação de licenciatura em dança e não me via como pessoa que dançava, me via como circense, pois entrei no curso porque fazia acrobacia aérea. No frevo, me via como foliã e tinha um certo desprezo pela dança dos passistas, porque na minha compreensão, o bom do frevo era brincar de forma espontânea e desordenada; dançar para ser visto, com passos bem marcados, acabaria com essa alegria. Eu tinha uma concepção punk de que a arte não era para ser “bem feita”, que o importante era fazer e defendia a espontaneidade acima de tudo. Acreditava que no campo da arte, as pessoas deveriam fazer muito mais do que consumir. Então,

---

<sup>2</sup> Estudei de 2003 a 2014 na escola IPEI, escola privada no bairro dos Bancários, João Pessoa.

tinha uma atitude de desprezo com o conhecimento sistematizado da dança, achava que seria mais livre para dançar sem conhecimento técnico.

Ainda no começo do curso, fiz no ensino remoto a disciplina de Evolução da Dança Cênica e nessa disciplina tivemos que fazer uma reencenação em vídeo. Decidi reencenar vídeos que encontrei dos Brincantes da Ladeiras no Carnaval e tive dificuldade para conseguir aprender os passos pelos vídeos, lembro de ter comentado na aula como era diferente pegar passos de um vídeo do que aprender passos na rua, vendo alguém fazendo e acompanhando simultaneamente. Tentei participar dos encontros de extensão de Frevo que a professora Valéria ofereceu ainda de forma remota como disciplina e curso de extensão, mas era no mesmo horário de outra disciplina e consegui ir apenas para um ou dois encontros. Depois, quando voltamos às aulas presenciais, cursei a disciplina Danças Populares: Elementos Técnicos e Potencialidades Criativas com a mesma professora e tivemos aulas de frevo. Insiro aqui minhas reflexões da época:

Eu queria que tivéssemos tido tempo de ter mais aulas para dançar frevo. Nas aulas que tivemos começamos a testar alguns passos. Eu não conhecia nenhum passo antes, pelo nome só conhecia mesmo a tesoura, eu dançava só me deslocando no espaço como aprendi com meus pais e com pessoas que vi na rua. Pude perceber bem a diferença de dançar fazendo passos com nomes e simplesmente pular trocando as pernas para se deslocar, mas ainda não consegui entender como é o frevo dessa forma que conhecemos nas aulas. [...] Queria ter falado mais sobre danças populares e ouvir os colegas falando, mas minha vontade foi suprida com o trabalho final, no grupo pudemos conversar mais sobre e elaboramos um trabalho que pôde falar muito. [...]

No final do processo, definimos que “personagens” nós éramos. [...] E eu era uma criança, relembrando as histórias dos velhos carnavais e seguindo esses passos, mas brincando na atualidade nos seus primeiros carnavais traz em si o futuro. Com o trabalho, aumentei minha compreensão do tempo e dos acontecimentos. Toda coisa contém em si o passado, o presente e o futuro, mantém algo do que era, mas também se transforma. Assim também é o frevo e o carnaval, trazem em si o passado e o futuro que ainda não nasceu. Esse foi o primeiro trabalho do curso que eu realmente me senti apresentando um trabalho como no teatro, querendo que as pessoas vissem. Os outros trabalhos que eu fiz eu fiz como uma prova que poderia estar certa ou errada. Com esse trabalho eu consegui falar as coisas que eu queria sobre carnaval e frevo e fiquei mais tranquila quanto a isso<sup>3</sup>. (Martins, 2022, p.1-2)

Na mesma época passei a participar dos treinos de frevo do que viria ser o Coletivo Pé de Frevo pois Valéria avisou para a turma de Danças Populares que era aberto ao público. Comecei a participar do Coletivo Pé de Frevo não para aprender a dançar, mas porque amo o frevo e buscava um ambiente em que pudesse compartilhar essa dedicação ao frevo com outras pessoas. Eu esperava um ambiente para viver o frevo ao longo do ano e esperava falar sobre frevo,

---

<sup>3</sup> Relatório final da disciplina Danças Populares - Elementos Técnicos e Potencialidade Criativa, realizada no primeiro semestre de 2022 (período letivo de 2021.2 da UFPB) ministrada pela prof. Valéria Vicente.

carnaval, agremiações, ouvir frevos, dançar frevo, enfim, mergulhar na cultura do frevo. Esperava encontrar outras pessoas que se empolgassem tanto quanto eu ao escutar “Último Regresso” de Nelson Ferreira, que imaginassem esse carnaval mágico da música e se sentisse parte dos que o constroem.

Não encontrei bem isso no Pé de Frevo. Encontrei os treinos de passo que demorei a entender. No início, eu preferiria não aquecer, não alongar e passar todo tempo brincando, achava pouco tempo para dançar, só o tempo da roda, e eu preferia nem treinar os passos, só ficar pulando o tempo todo e falando sobre agremiações e músicas. Mas com o tempo foi mudando a minha relação com a dança frevo. Vi as vantagens do conhecimento sistematizado da dança e parei de defender a espontaneidade pura. Percebi que conhecer passos me dá mais liberdade para criar, não menos, pois amplia minhas possibilidades já que posso fazer os passos de formas diferentes, conectá-los, me deslocar com eles, misturá-los, etc. Antes, tudo que eu sabia era me deslocar, passei a entender como o treino de cada passo como rascunho, devagar, com outras pessoas, ajuda a aprender o passo e aprender uma forma própria de fazê-lo. E hoje o que eu mais gosto nos treinos do coletivo é isso, encontrar uma forma minha de fazer um novo passo, que antes não queria fazer porque não me via fazendo. Também no coletivo criei novas relações e referências de frevo, como as referências de passistas e mestres do passo que conheci no coletivo: Mestra Landinha, Ferreirinha, Mestre Wilson, Mestra Francis, Maine.

E vi as criações de outras pessoas do coletivo. Apesar de as outras pessoas do coletivo não terem os mesmos interesses que eu em relação ao carnaval e ao Frevo, vejo o potencial que organização de passistas em coletivo tem para criar e realizar novas atividades com frevo aqui em João Pessoa e também para se conectar com a cena do frevo em Pernambuco. Por exemplo, a participação do coletivo no bloco Rei Momo Nasceu em Belém ampliou o alcance do bloco em João Pessoa e contribuiu com a sua realização tendo passistas brincando e convidando outras pessoas para dançar, também nessa ocasião, chegaram novos integrantes para o Coletivo.

Hoje, ao contrário de dois anos atrás, vejo como muito proveitoso para mim aprender os passos de frevo pois tenho mais liberdade de escolha para dançar.

E participar do coletivo é muito mais que isso, é ter alguém experiente como Valéria nos colocando em contato com a cultura do frevo através dos conhecimentos construídos por tantas gerações, é ter companheiros do frevo que mesmo com interesses variados se juntam para realizar eventos de frevo e cada um coloca um pouco de si no coletivo.

A partir da minha experiência no Coletivo Pé de Frevo me pergunto se essa transformação aconteceu também com outros integrantes, então, para fazer essa pesquisa segui a metodologia que será apresentada no próximo tópico.

## 1.2 METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como objetivo geral identificar transformações causadas pelo Coletivo Pé de Frevo nas atividades de seus integrantes relacionadas a frevo, investigando a relação entre o ensino de arte e a prática artística e cultural.

Como forma de compreensão das relações culturais, esse trabalho tem como base o materialismo histórico e a psicologia histórico cultural, buscando assim compreender a relação entre o indivíduo e a cultura. A Psicologia Histórico Cultural é a vertente da psicologia que aplica o Materialismo Histórico-Dialético, influenciando o campo da educação e desenvolvimento humano.

Os objetivos específicos foram: contextualizar a história e o funcionamento do Coletivo Pé de Frevo; sistematizar as características do seu ensino não-formal no Coletivo Pé de Frevo; identificar e compreender os contextos das atividades de frevo que os integrantes do Pé de Frevo participam; avaliar junto aos integrantes do Pé de Frevo se houve alteração na participação em atividades de frevo após passarem a integrar o coletivo.

A pesquisa adota abordagem qualitativa. Primeiramente, foi realizada pesquisa de material bibliográfico de documentação do Coletivo Pé de Frevo, como portfólio e registros de atividades realizadas. Ao longo da pesquisa, foi feita revisão bibliográfica sobre história do frevo, ensino de frevo e o ensino de artes. Para caracterizar a metodologia de ensino do Coletivo Pé de Frevo, inicialmente foi planejada fazer uma observação participante da atuação do grupo, mas optei por fazer a revisão bibliográfica do livro *Frevo para Aprender e Ensinar* de Valéria Vicente e Giordani de Souza (Kiran) que apresenta a proposta de progressão de aula de frevo que é usada na maioria das aulas do Coletivo. Com o intuito de coletar dados diretamente com os integrantes do coletivo, realizou-se a aplicação de questionário online, com perguntas voltadas para identificar o perfil dos integrantes, suas relações com o frevo e com o coletivo. Posteriormente estava previsto a realização de entrevistas semi-abertas com alguns desses integrantes, porém, optou-se por realizar um grupo focal para atingir questões que não foram compreendidas no questionário.

O grupo focal é uma ferramenta de coleta de dados em que se reúne pessoas para debater sobre um assunto, o pesquisador assume o papel de mediador para conduzir a conversa de forma proveitosa para a pesquisa e outra pessoa assume o papel de observador para fazer anotações sobre falas e comportamentos do mediador e após o fim do grupo focal se reúne com o mediador para discutir os dados coletados. (Souza, 2020)

No grupo focal foram feitas perguntas com o objetivo de: compreender a relação dos integrantes com o frevo antes e depois de integrar o Coletivo Pé de Frevo e identificar transformações causadas pelo Pé de Frevo nas atividades de seus integrantes relacionadas a Frevo.

Também foram feitas perguntas sobre a história do surgimento do Coletivo Pé de Frevo e sua atuação no cenário de Frevo de João Pessoa, como pode-se verificar no roteiro do Grupo Focal e o questionário online, disponível nos anexos.

Assim, os resultados dessa pesquisa são fruto da análise dos dados coletados no questionário e no grupo focal e foi sistematizada em gráficos que contextualizam o grupo, e organizada em tópicos referentes aos objetivos específicos da pesquisa, a saber:

- contextualizar a história e o funcionamento do Coletivo Pé de Frevo;
- identificar e compreender os contextos das atividades de frevo que os integrantes do Pé de Frevo participam;
- identificar transformações causadas pelo Coletivo Pé de Frevo nas atividades de seus integrantes relacionadas a frevo.

O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas, sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de número 81393624.5.0000.5188, atendendo ao preceituado nas Resoluções 466/12 e 510/16 ambas do Conselho Nacional de Saúde, que disciplinam as pesquisas envolvendo seres humanos. Todos os participantes foram informados previamente sobre os objetivos da pesquisa e só após a sua autorização e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é que a entrevista foi realizada.

Os participantes desta pesquisa consentiram em ser identificados na monografia para que seja preservada a autoria dos trabalhos artísticos por eles desenvolvidos.

Este texto encontra-se estruturado em cinco capítulos, sendo este o primeiro. No segundo capítulo, apresenta-se a fundamentação teórica e a relação da sistematização com as transformações no frevo ao longo de sua história. O terceiro capítulo, por sua vez, caracteriza o Coletivo Pé de Frevo, contextualiza a história e o funcionamento, as características de seu ensino e sua prática de frevo. No quarto capítulo apresenta-se os relatos dos integrantes do coletivo sobre transformações causadas pelo Coletivo Pé de Frevo nas suas atividades e a caracterização dos contextos das atividades de frevo que os integrantes do Pé de Frevo participam. Por fim, no quinto capítulo encontram-se reflexões sobre a sistematização e a espontaneidade na dança no caso do Coletivo Pé de Frevo.

## **2 SISTEMATIZAÇÃO E ESPONTANEIDADE NO FREVO**

Neste capítulo, irei tratar sobre a contradição entre sistematização e espontaneidade na dança e o papel dessa contradição na história do frevo.

O Materialismo Histórico-Dialético é o método de análise da realidade desenvolvido por Karl Marx e Friederich Engels a partir da tentativa de compreender a realidade em constante transformação observando as leis que regem esse desenvolvimento.

O materialismo considera que a realidade deve ser estudada em sua materialidade, pois é a matéria que produz a ideia, não o contrário. Assim, dentro das relações sociais, são as bases econômicas da sociedade que determinam a ideologia e a cultura. No campo da psicologia, é a realidade social que determina a consciência dos indivíduos. (Politzer, Besse, Caveing, 2002; Stalin, 2010). A concepção dialética marxista considera a realidade como um todo indivisível em constante transformação, em que todas as suas partes se influenciam mutuamente, são interdependentes. Essas transformações são movidas pela luta dos contrários em mudanças quantitativas que se convertem em mudanças qualitativas. (Politzer, Besse, Caveing, 2002; Stalin, 2010).

Embasada no Materialismo Histórico-Dialético surgiu a psicologia histórico cultural assim considerando o caráter cultural da consciência humana e suas transformações dialéticas. Foi desenvolvida pelos psicólogos soviéticos Lev Vigotski, Aleksei Leontiev e Alexander Luria e desde então tem um impacto significativo no campo da educação por tratar do desenvolvimento do pensamento humano ao longo da vida.

De acordo com a perspectiva do psicólogo soviético Leontiev (2021), entende-se que os seres humanos desenvolveram várias atividades para satisfazerem suas necessidades. Enquanto os animais têm suas ações diretamente subordinadas a uma necessidade de sobrevivência; a humanidade, para satisfazer suas necessidades, passou a trabalhar, ou seja, realizar ações planejadas que não estão diretamente ligadas à satisfação de uma necessidade, mas que servem para alcançar esse objetivo através de um sistema complexo de ações interdependentes, o que exige da consciência a compreensão da atividade como um todo. Assim, surgiram novas necessidades para além da sobrevivência (Leontiev, 2021).

Para Leontiev, o que diferencia a atividade humana é que ela passa pela produção de instrumentos mediadores para se realizar e satisfazer as necessidades. Invés de ser uma atividade direta que já satisfaz alguma necessidade, ela passa pela produção e utilização de instrumentos para sua realização. Essa atividade de produção de instrumentos cria necessidades, o ser humano passa a ter necessidades voltadas à produção de instrumentos. Esses instrumentos são objetos culturais, materiais ou imateriais, que funcionam como uma síntese da atividade humana, corporificam as habilidades desenvolvidas para a realização da atividade e são cumulativos, carregam a experiência das gerações anteriores. Cada indivíduo passa pelo processo de apropriação desses objetos culturais, quando aprende a utilização daquele objeto cultural. Assim, o indivíduo se apropria das práticas sociais da sociedade em que vive. O processo de apropriação é ativo e mediatizado pela

relação com outras pessoas, é um processo educativo que pode ser intencional ou não-intencional (Duarte, 2004).

No campo da dança, consideramos a contribuição de Moshé Feldenkrais, engenheiro e físico fundador do Método Feldenkrais para autoeducação do movimento corporal, que organiza o desenvolvimento das atividades humanas em três estágios (1997). O primeiro estágio são as atividades realizadas naturalmente, atividades que desenvolvemos espontaneamente. O segundo estágio são maneiras particulares de cada indivíduo realizar uma atividade, ou seja, quando esse método apresenta vantagens outras pessoas também o adotam. O terceiro estágio é a sistematização das formas do segundo estágio, quando se procura algo em comum nas maneiras particulares de realização de uma mesma atividade, então o processo passa a ser realizado de acordo com um método resultado do conhecimento. Para Feldenkrais, a principal desvantagem de quando uma atividade chega ao terceiro grau de desenvolvimento é que muitas pessoas não se consideram aptas a praticá-las e nem mesmo tentam ações dos estágios anteriores. (Feldenkrais, 1997, p.43-47).

O ser humano realiza atividades espontâneas e atividades conscientes sistematizadas. Dialogando com Leontiev, considero uma atividade consciente aquela que é planejada e traz em si uma perspectiva de futuro para o indivíduo em relação com a atividade. E espontânea são as atividades que não foram planejadas, mas foram realizadas pela relação imediata do sujeito com o contexto.

As artes surgem como uma atividade espontânea e podem ou não virem a se sistematizar e criar regras internas. Porque para surgir de forma sistematizada, é preciso de um acúmulo prévio, como acontece quando um movimento artístico nasce sendo elaborado por um grupo de pessoas. Pode-se criar uma dança intencionalmente, hoje, a partir do acúmulo de conhecimento da dança. Mas, antes de existir a dança como atividade, ela não poderia surgir intencionalmente, porque não se tinha esse conceito formado. A dança surgiu como uma atividade que tinha objetivos para além da dança, porque a atividade é precedente à consciência e ao planejamento dela. A partir da existência da dança como atividade consciente, podem surgir danças tanto intencionalmente como espontaneamente, a existência da intencionalidade não suprime a espontaneidade, mas elas se complementam e se relacionam dentro da atividade de dança. Mesmo as atividades sistematizadas carregam em si a espontaneidade pois muitas vezes suas transformações e destino não são planejadas conscientemente, ao mesmo tempo, toda atividade espontânea carrega em si algum grau de sistematização consciente que a caracteriza como tal atividade e estabelece parâmetros para que assim seja considerada.

No entanto, o desenvolvimento histórico da dança não depende somente das suas forças internas, mas está relacionada à vida social como um todo. Assim, os aspectos econômicos e culturais vão também transformar a dança. Como no caso do frevo, em que a ascensão da classe trabalhadora e o interesse comercial das rádios teve grande impacto e transformou a relação dos indivíduos com a dança.

## 2.1 SISTEMATIZAÇÃO E ESPONTANEIDADE NA DANÇA

O processo de surgimento de uma dança pode ser tanto espontâneo, sendo realizada de forma espontânea por indivíduos, até que se conforme como uma unidade, como pode também (a partir da experiência de outras danças, artes e práticas corporais) surgir intencionalmente proposta intencionalmente por alguém ou algum grupo.

As danças já consolidadas têm em si regras de ação, a caracterização delas estruturada e se tornam um fim em si mesmas. Por exemplo, quem dança forró sabe o que é forró e tem como objetivo dançar forró, pois essa é uma forma de arte reconhecida e valorizada socialmente. Assim, uma pessoa que pratica uma arte sistematizada pode fazê-lo de forma consciente ou espontânea; espontânea caso dance forró por uma situação social; consciente caso participe de aulas de forró, planeje para si ou para outros uma prática sistematizada do forró, ou caso alguém planeje o futuro do forró e planeje ações para transformar a arte do forró. São vários níveis de consciência e espontaneidade que coexistem na atividade. E podem ser caracterizadas enquanto as que têm e as que não têm uma forma de ensino definida e sistematizada.

As que têm uma forma de ensino definida, esse ensino pode variar de acordo com seus próprios parâmetros de como se dá o ensino dessa dança, seja de forma individual como o ensino familiar ou casual dependendo da realização da arte em si no seu contexto originário; ou de forma coletiva e planejada socialmente, tendo suas metodologias de educação próprias, seguindo métodos frutos de sua tradição e acúmulo. Segundo Vigotski, para que a educação se realize o professor “tem de se transformar em organizador do ambiente social” (Vigotski, 2003, p. 296). Assim como é também o papel do mestre de alguma manifestação artística, organizador social para que aquele conhecimento se realize e se atualize. Em alguns casos, o ambiente de aprendizado pode estar deslocado do contexto original da realização da dança.

Essa relação do ensino da arte com a própria arte também carrega em si a contradição do deslocamento do contexto original da realização da arte e da necessidade da atividade da arte por parte dos aprendizes. Podendo variar o nível de deslocamento. Então, fazer a arte no contexto de ensino não deixa de caracterizar a atividade como arte, mas ao mesmo tempo ganha um caráter

preparatório para a realização da arte em seu contexto originário ou outro contexto social. A dança que se aprende deslocada para o contexto de ensino, atinge seu objetivo final quando é socializada para além do ambiente controlado de ensino.

Portanto, a primeira contradição é ainda no surgimento de uma dança, entre as ações espontâneas individuais e a caracterização daquela dança enquanto uma unidade reconhecida que pode ser praticada pelas pessoas que seguirem seus critérios. Dentro da prática da dança já configurada, esta pode ser realizada pelo indivíduo de forma consciente ou espontânea, se planejando para praticá-la ou apenas praticando pela relação imediata que estabelece com o contexto, e essa contradição se manifesta no âmbito da ação individual. As danças sistematizadas, passam a ter em si a contradição da sistematização do seu ensino, podendo o ensino acontecer informalmente, de forma individual e espontânea e pode também passar a ser coletivo e sistematizado. No ensino sistematizado da dança, se encontra a contradição entre a prática para aprendizado e a prática social da dança.

Assim, vemos que essa unidade (sistematização e espontaneidade) é uma contradição que engendra o desenvolvimento da dança. Ambas têm um papel fundamental para as transformações na dança porque a alternância entre sistematização consciente e espontaneidade faz surgir novas formas de realização.

## 2.2 HISTÓRIA DO FREVO

Neste subcapítulo, tratarei do frevo, que também passou por essas transformações. No caso do frevo, no início não havia esse papel de um organizador social, a situação social para a prática do frevo era o carnaval de rua, um ambiente exaltado justamente por sua ‘desorganização’- apesar dos clubes carnavalescos terem uma organização bem estruturada e regulamentada, a dança do frevo surge da aglomeração de transeuntes do centro do Recife, junto com os capoeiras, para dançar ao som de orquestras militares e fazendo passos rápidos, essa aglomeração foi chamada de Fervo.

Só após décadas de acúmulo do frevo surge a sistematização do ensino, que o realiza em um ambiente específico para a aprendizagem, para além da festa de rua. E a festa de rua também se sistematiza com o caráter organizador dos clubes e outras instituições que se conformaram como planejadoras do carnaval.

No primeiro momento, o frevo surgiu de forma espontânea quando os transeuntes do centro do Recife acompanhavam as orquestras militares que lá desfilavam e dançavam. Dançavam pelo prazer de dançar e pelo significado social que essa atividade tinha naquela época, era um

momento de lazer, mas também de demonstração de habilidades. Muitos eram capoeiristas e traziam essa experiência para esse novo contexto. Da relação da dança com a música nasceu o frevo.

Compõem o material humano que criou o frevo todos os que frequentavam o centro do Recife àquela época: operários do porto, das fábricas e do comércio, jornalistas, profissionais liberais, biscateiros, desempregados e marginais. Gente que se reunia para, num momento de divertimento, acompanhar as bandas do exército e da polícia militar, que desfilavam e realizavam retretas em praça pública. Acompanhando o espírito da época e os movimentos que surgiam na multidão, os músicos das bandas aceleraram o andamento das músicas de moda, como o maxixe e a polca, e foram criando a música frevo. Ao mesmo tempo, era gestada a dança do frevo, que sugeria volteios e dinâmicas para a música que estava sendo criada. Aos poucos, as novas músicas foram ficando famosas e os passos ganharam nome, sendo citados nos jornais da época. Era o frevo que tomava suas formas. (Vicente; Souza, 2015, p. 28).

Até então, eram as ações espontâneas dos indivíduos que juntos faziam a dança do frevo acontecer. Os clubes carnavalescos das categorias de trabalhadores passaram a desfilar ao som do frevo e mesmo acontecendo fora dos cordões dos clubes a dança do frevo se tornou mais abrangente, influenciando as pessoas que acompanhavam o clube e se tornando parte do carnaval. Segundo Vicente, os clubes foram “um dos principais ambientes de desenvolvimento do frevo”. (Vicente, 2009, p.41)

Das décadas de 20 a 50 do século passado, o frevo foi se popularizando. Com as rádios, a música do frevo fez sucesso em todo Brasil e a dança do frevo que acontecia em Pernambuco passou a ser comentada e noticiada. Essas rádios passaram a promover concursos de passistas.

No decorrer das décadas, o frevo se consolida como símbolo de identidade cultural e também como produto comercial. Emissoras de rádio e TV promovem concursos de passo e convidam passistas para se exibirem em seus programas de auditório. Assim, na década de 50, passistas como Sete Molas, Egídio Bezerra, Coruja e Nascimento do Passo ficaram famosos. (Vicente; Souza, 2015, p. 30).

Com o fim dessa era, o frevo se tornou menos popular e não havia mais tanto espaço para os passistas, no carnaval os passistas e foliões faziam o passo acompanhando as orquestras nos desfiles dos clubes fora dos cordões.

Assim, podemos ver como foi determinante a ação de grupos influentes entre grande número de pessoas para a consolidação do frevo, como foram os clubes que representavam categorias de trabalhadores e as rádios que tinham amplo alcance e passaram a promover os concursos de passo. Se antes o passo era feito por transeuntes do Recife, passistas regulares que frequentavam esse espaço, capoeiras, entre outros; o frevo se popularizou por meio da ação dos clubes e das rádios e passou a abranger boa parte da população. Nos clubes, o frevo passou a ser

uma dança para alegrar a categoria promovida pelo seu clube, motivo de orgulho da categoria e dava novo status social para a classe trabalhadora emergente que “Através dos clubes, [...] buscavam ocupar um espaço social diferenciando-se dos marginais da época” (Vicente, 2009, p.41). Com os concursos de passistas, as rádios criaram novo sentido social para a dança do frevo, trazendo maior prestígio aos passistas.

Foram então, essas duas entidades - clubes carnavalescos e rádios - que deram ao frevo uma forma mais planejada e abrangente do que o “fervo” do início da república, transformando o frevo, os passistas, o sentido e a forma do frevo.

### 2.3 O MÉTODO NASCIMENTO DO PASSO

Foi por sua percepção de uma decadência do frevo que Nascimento do Passo - amazonense que chegou ao Recife com 13 anos e se tornou passista renomado dos concursos - preocupado com o desaparecimento do frevo, decidiu criar uma escola de frevo e sistematizar seu ensino. Sales (2013) descreve quais eram as formas de aprender o passo antes do frevo ser sistematizado:

De acordo com Queiroz (2009), antes do passista Nascimento do Passo, não existia uma preocupação sistemática para com o ensino da dança do frevo. O passo era realizado nas ruas e nos concursos, para os interessados em aprender, era necessário arriscar-se na brincadeira ou observar determinados passistas, durante o carnaval. Portanto, Nascimento do Passo foi o passista de frevo mais reconhecido na cidade do Recife, por promover a divulgação do frevo através do ensino da dança.(Sales, 2013, p.3)

Ainda hoje a forma espontânea de aprender o frevo continua nas ruas, mas hoje quem procura observar o passo do outro para aprender algo novo na rua possivelmente irá encontrar pessoas fazendo o passo que aprenderam pelo Método Nascimento do Passo ou outro método de ensino de frevo descendente dele. Além disso, também está nas ruas a influência das referências de frevo apresentadas na TV e na Internet, onde se encontram vários tutoriais de passos de frevo como por exemplo do canal Frevo Online com o Professor Júnior Viégas.

Quando Nascimento do Passo voltou ao Recife na década de 1970, decidiu começar a ensinar novos passistas. Sistematizou o ensino do frevo a partir da observação da dança de vários passistas em 40 passos básicos, famílias dos passos, variantes dos passos e modalidades. Também é parte importante do Método a roda, em que os passistas entram para improvisar em relação com a música, como acontecia nas ruas. (Sales, 2013; Vicente 2009)

Foi, portanto, uma ação consciente, com objetivo de intervir no futuro do frevo e planejada para envolver novas pessoas nessa atividade, uma ação de iniciativa de um indivíduo mas que era coletiva em sua realização. Segundo Vicente:

Como exímio passista de rua e de palco - visto que seu sucesso nos concursos de passo o lançou a incursões frequentes por teatros e exposições oficiais (Oliveira, 1993) - Nascimento imprimiu, na tradição do frevo, a sua visão individual, através da sistematização do ensino dessa dança, que até então era aprendida apenas pela observação e por interpretações pessoais.

Isso não significa que restringiu a liberdade de interpretação individual de cada um de seus alunos; ao contrário, a individualidade do passista é ressaltada por ele como fundamental para dançar o frevo. No entanto, foi a sua forma de dançar o frevo que sobreviveu como frevo tradicional, dentre a de tantos que se destacaram no período dos concursos. (Vicente, 2009, p.58)

Assim, a sistematização do mestre Nascimento do Passo deixou um legado no Passo e na forma de dançar frevo que temos hoje e que passou por desenvolvimentos técnicos diversos a partir de sua sistematização.

Inserido também no universo da arte convencional, o frevo foi adaptado a estruturas de facilitação do aprendizado que reduziram seu aspecto polissêmico e individual. No entanto, na década de 1990, os experimentos dos artistas reorganizaram formas diferentes de dançar frevo que permitem ver a evolução técnica, a exemplo do domínio da transferência de peso, das possibilidades de variação do uso do peso do corpo, decorrente desse trabalho. Essas transformações não ficam restritas aos espetáculos de dança e adentram as interpretações individuais nos carnavais e grupos de dança amadores. Logo, revela-se que essa produção artística repercute na sociedade e extrapola o âmbito do palco. (Vicente, 2009, p.38)

Portanto, a sistematização teve um papel determinante na transformação do frevo e no surgimento de novos elementos e o aprofundamento de elementos variados que criaram novas possibilidades para o passo nos palcos e também nas ruas.

O aprendizado e a perpetuação da dança frevo quando passa a ser sistematizado como uma atividade de ensino planejada, não deixa de acontecer também enquanto aprendizado espontâneo. Bem como outros conhecimentos e atividades da humanidade que tem seu ensino sistematizado, continua acontecendo no âmbito informal. Os contextos do frevo se influenciam mutuamente, o passista bem treinado é imitado por um folião na rua, o folião faz um passo diferente, dá uma nova forma de fazer a um passo conhecido e influencia os que o veem, aquilo pode passar a ser parte do repertório coletivo. Assim, Sales (2013) descreve as formas de ensino de frevo:

Compreendendo a dança do frevo, por meio da educação informal, poderíamos identificar o momento anterior à criação do Método Nascimento do Passo. Sem

pretensões institucionalmente estabelecidas, o aprendizado acontecia sem planejamento prévio, durante o período carnavalesco, momento no qual as pessoas, nas ruas, dançam ao som do frevo. No que diz respeito à educação não formal, poderíamos identificar o tipo de relação que se estabelece a partir do caráter da atuação pedagógica do mestre Nascimento do Passo. Ainda que o trabalho do mestre Nascimento do Passo respeite a uma lógica metodológica, na sua trajetória, o mesmo atuou de maneira itinerante, ministrando aula em diferentes contextos. A educação formal encontra-se presente na ideia de sistematização dos conteúdos, visto que, comumente, a elaboração de aulas e especificação de conteúdos são parâmetros utilizados nas estruturas formais das escolas, nos modelos formais de aula e em suas abordagens pedagógicas. (Sales, 2013, p.4)

Podemos perceber que essas diferentes formas de aprendizagem de frevo caracterizadas por Sales convivem e dialogam na contemporaneidade. A sistematização e a espontaneidade continuam se relacionando e gerando transformações no frevo.

Hoje existem vários grupos que ensinam e praticam o frevo coletivamente e em sua maioria, são descendentes do Mestre Nascimento do Passo. Para citar alguns exemplos temos a Escola Municipal de Frevo Maestro Fernando Borges que continua em funcionamento e sua Companhia de frevo do Recife, que além do frevo tem influências do ballet clássico, jazz, e hip-hop (Spanos, Bezerra, 2020); o Guerreiros do Passo, que foi um grupo fundado com o propósito de dar continuidade ao legado do Mestre Nascimento do Passo e promove aulas usando seu método em praça pública em Recife; o Brincantes das Ladeiras que tem foco na característica brincante do frevo (improvisação, diversão e saúde). Diferente desses, Zenaide Bezerra aprendeu o passo com seu pai, Egídio Bezerra e dança com características diferentes do Mestre Nascimento do Passo, então tem outro método de ensino de frevo. (Spanos, Bezerra, 2020; Vicente, 2011)

## 2.4 INVESTIGAÇÃO COM COLETIVO PÉ DE FREVO

O terceiro estágio de desenvolvimento de uma atividade classificado por Feldenkrais é intitulado “Método e Profissão”, esse estágio se consolida:

Quando um certo processo pode ser realizado de vários modos, poderá aparecer alguém que verá a importância do processo em si mesmo [...]Ele encontrará alguma coisa em comum nas realizações individuais e definirá o processo como tal. (Feldenkrais, 1997, p. 44).

Assim como foi feito pelo Mestre Nascimento do Passo, que observou vários assistas e propôs um método para o frevo. Antes do Método de Nascimento do Passo já existiam “os especialistas” do frevo, os assistas, que seriam caracterizados como parte do segundo estágio de Feldenkrais, o estágio individual, no qual “certas pessoas encontram seu próprio modo pessoal,

especial, de executar as atividades naturais. [...] Quando este método pessoal mostra vantagens, tende a ser adotado por outros indivíduos.” (Feldenkrais, 1997, p. 44).

No entanto, Feldenkrais defende que “a sociedade geralmente recusa permitir ao indivíduo o direito de empregar o método natural, forçando-o, em vez disso, a aprender o jeito aceito, antes que lhe permita trabalhar.” (Feldenkrais, 1997, p. 45). Não é o que vemos acontecer com o frevo. Para dançar frevo é preciso de algo que caracterize a dança como frevo (sejam os passos, o ritmo, o contexto, características de interpretação), mas se pode aprender o frevo pelo que Feldenkrais chama de “caminho natural”, dançando com outras pessoas nas festas.

Considerando que o frevo é um produto cultural objetivado, em seu processo de apropriação

o indivíduo está se relacionando com a história social, ainda que tal relação nunca venha a ser consciente para ele, como é o caso, para a grande maioria das pessoas, da apropriação da linguagem oral. As pessoas apropriam-se da linguagem desde a infância e, dessa forma, relacionam-se, sem terem consciência disso, com a história de produção, utilização e modificação da linguagem. Tal consciência só surge quando o desenvolvimento sócio-histórico produz a necessidade dos estudos sobre a linguagem (a lingüística). (Duarte, 2004, p. 51)

Então, a apropriação da dança frevo pode se dar de forma consciente ou espontânea. Na forma espontânea o indivíduo se relaciona mais com o contexto que com a atividade do frevo.

No caso do Coletivo Pé de Frevo, os integrantes têm uma relação consciente com o frevo. Por isso nesta pesquisa investigo a relação entre a prática sistematizada de frevo no Coletivo Pé de Frevo e a atuação dos seus integrantes em atividades de frevo em João Pessoa, tanto as atividades espontâneas como brincar no carnaval (ou não tão espontâneas no caso dessas pessoas que tem uma relação sistemática com o frevo), quanto atividades conscientes como o treino, a preparação física, a criação artística de espetáculos de teatro circo dança e composições musicais; o desfile em grupos de frevo, etc. Busco responder à seguinte questão com base na experiência do Coletivo Pé de Frevo: Que impactos o treino sistematizado do frevo tem na prática do frevo das pessoas do coletivo? Investigando as reverberações do ensino de frevo por meio do contato direto com as pessoas que integram as atividades de ensino de frevo do Coletivo Pé de Frevo e poderão relatar sua experiência e percepção sobre si mesmos na participação em outras atividades de frevo fora do âmbito do coletivo.

### **3 COLETIVO PÉ DE FREVO**

O Coletivo Pé de Frevo, segundo o portfólio do grupo, “dedica-se ao Passo, dança do frevo de rua, e mantém práticas semanais abertas a toda a comunidade na cidade de João Pessoa”, surgiu em janeiro de 2022 por meio de uma atividade de extensão coordenada pela Prof. Dra. e assistente

Valéria Vicente e é “formado por assistas experientes e em formação, muitos oriundos da licenciatura em dança da UFPB, e por assistas foliões.”

O portfólio do grupo, produzido em 2023, apresenta os seguintes integrantes: Valéria Vicente, Amáury, Elias Matias, Itamira Barbosa, Karla Oliveira, Lua Camboatá, Luna Dias, Olga Sorrentino, Renata Lima, Ariadne Bogo, Hélio.

Para essa pesquisa, coletei dados através de questionário online por meio do google forms e enviei para todas as 37 pessoas que se mantêm no grupo de *whatsapp*, além de Hélio que precisou sair do grupo, mas se mantêm em contato enquanto Coletivo Pé de Frevo (com exceção de mim mesma e da prof. Valéria, orientadora desta pesquisa). Algumas dessas pessoas não participaram dos encontros e atividades mais recentes do coletivo por diversos motivos, já que os integrantes do Coletivo Pé de Frevo tem uma participação flutuante ao longo do tempo, com diversos níveis de envolvimento, alguns desses até conduzem os treinos dos coletivos, outros tiveram uma participação muito ativa em outro período do coletivo e mesmo que no momento não estejam participando continuam conectados ao coletivo, já outros frequentaram poucas vezes de forma pontual e não chegaram a integrar o coletivo. No total, obtive 19 respostas ao meu questionário, entre os integrantes citados no portfólio, todos responderam (sem contar comigo e com Valéria) com exceção de Karla Oliveira<sup>4</sup>. Dessas 19 respostas, uma é de uma pessoa que relatou ter participado de apenas três encontros, ela deixou sem resposta perguntas sobre há quanto tempo participa e com que frequência. Entre esses 18 restantes, 15 chegaram a participar do coletivo regularmente por 3 meses seguidos em algum momento, os outros 3, não. Quanto à faixa etária e gênero, entre os 18 integrantes que responderam, 1 tem 17 anos, 6 têm de 22 a 28 anos, 7 têm de 32 a 37, e 3 têm de 43 a 49 anos; 12 são mulheres cis e 6 são homens cis.

Além do questionário online, foram coletados dados por meio de grupo focal, do qual participaram: Amáury, Itamira Barbosa, Renata Lima, Ariadne Bogo, Vinicius Brainer e Analice Dias.

---

<sup>4</sup> Vinculados ao Projeto de pesquisa “Frequências somáticas como intenção decolonial e prática pedagógica”, Karla Oliveira desenvolveu enquanto bolsista de Iniciação científica, os planos de trabalho “Sintonizando danças tradicionais: Frequências Somáticas no contexto do frevo (2022-23) e Frequência ambiental: estados de frevo no corpo de João Pessoa (2023-24), que resultaram em oficina, performance e videodança.

### 3.1 O QUE É O COLETIVO PÉ DE FREVO

Figura 1 - Encontro do Coletivo Pé de Frevo na Praça da Paz 06/06/2023



Fonte: Arquivo do Coletivo Pé de Frevo

A partir da junção de todas as respostas convergentes, o Coletivo Pé de Frevo pode ser descrito como: Um grupo bastante heterogêneo (Tiago) que tem como atividade principal a prática da dança frevo em seus encontros. É composto por “uma cambada de gente animada” (Luna), admiradores do frevo (Tatiana Domingos), estudantes e professores (Sydney), artistas (formados e em formação) (Itamira), alguns têm a dança e seu ensino como profissão (Tiago), e “não artistas” (Itamira) “com graus de experiência diferentes na dança do frevo” (Vinícius) “que chegam para participar por amar o frevo de forma pessoal” (Itamira) e que não veem o frevo como uma dança restrita ao carnaval (Elias).

O coletivo se reúne semanalmente para aprender, treinar, estudar, conhecer, dançar, brincar, ensinar, praticar, pesquisar, experimentar, vivenciar o frevo.

Nos encontros do Pé de Frevo se “estuda o movimento” (Ariadne) e se pratica o frevo “suas metodologias, técnicas e poéticas” (Talita) “de maneira didática e alinhada às pesquisas acadêmicas da área” (Analice) “seguindo o método de ensino de Frevo da passista, professora e minha mestra Valéria Vicente.” (Amáury) “O Coletivo é coordenado pela Profª Drª Valéria Vicente, que ministra a maior parte das aulas, que acontecem no Departamento de Artes Cênicas da UFPB. Os integrantes que estão há mais tempo também ministram aulas.” (Renata) “realizam pesquisas acadêmicas na área”. (Analice)

Além da técnica da dança do frevo, os integrantes também ressaltaram que o coletivo busca “vivenciar a cultura do frevo” (Tiago), “difundir e preservar a tradição do frevo [...] “dança tipicamente pernambucana [...] tão importante para a identidade regional” (Tatiany Simas), “reconhece e incentiva os mestres e brincantes e produz cultura” (Ariadne) “fomenta o frevo na paraíba” (Amáury) e “presta um serviço à população, principalmente paraibana, que seria o acesso à cultura do frevo” (Ariadne),. “O coletivo celebra a história e o significado do frevo em si e resalta

a importância de conhecer os artistas, as histórias das músicas, o significado das letras das canções.” (Vinicius)

Ainda nas respostas à pergunta “O que é o Coletivo Pé de Frevo?”, vários integrantes relataram a atividade do coletivo para contribuir com a cena do Frevo em João Pessoa, realizando apresentações e eventos com frevo e em diversos espaços de João Pessoa como “concertos, encontros e escolas” (Tiago). Segundo Luna: “vamos conhecendo modos de dançar o frevo e brincar essa dança pelas estribeiras de João Pessoa e manter laços conectivos com as fontes pernambucanas.”

### 3.2 SURGIMENTO DO COLETIVO

Em 2022, o maestro Carlos Anísio da orquestra sinfônica da Universidade Federal da Paraíba estava querendo realizar uma nova edição do concerto de carnaval com passistas. “Ele convidou Val para participar e ela me chamou<sup>5</sup> e chamou Thaismary para a gente apresentar algo. Nos reunimos alguns dias para treinar e pensar numa apresentação. Terminou que nesse ano nem rolou a apresentação, mas eu fiquei dizendo a Val para a gente continuar a se encontrar e treinar frevo. Val concordou e como ainda era Pandemia e as coisas estavam voltando ao normal, nós treinávamos embaixo dos pés de planta na frente do abacatão, ao ar livre comigo ou Val puxando os treinos. Mais tarde, quando estávamos pensando num nome para a gente, Renata Lima sugere o nome Pé de Frevo, fazendo referência ao Pé de planta que treinávamos embaixo e a ideia de "Pé de Valsa". Desde então continuamos a nos reunir com esse nome.” (Amáury)

Figura 2 - Logomarca do Coletivo Pé de Frevo



Fonte: Arquivo do Coletivo Pé de Frevo

Segundo Renata, participariam dessa preparação para apresentação com a orquestra Valéria, Amáury, Lua e Thaismary. E que ela se juntou a essas aulas ainda no início do grupo e sugeriu o nome que batizou o coletivo. No grupo focal, Valéria lembrou que as pessoas que participariam dessa apresentação com a orquestra seriam ela, Amáury, Thaismary, Lua e Lay. Pelo questionário, Lua relatou que foi ela quem desenhou a logomarca do Pé de Frevo, quando

<sup>5</sup> Amáury e Renata Lima estavam participando da disciplina Frevo, oferecida de forma online no semestre remoto devido à pandemia de Covid 19.

decidiram fazer as primeiras camisas do grupo. Em resposta à pergunta “Você sabe como surgiu o Coletivo Pé de Frevo? Pode nos dizer o que sabe?” Olívia contou que ouviu de participantes mais antigos que “foi de um desejo de pernambucanos, pela instiga da professora Valéria, na UFPB para praticar essas pesquisas do frevo e compartilhar experiências”. Desses seis primeiros integrantes (Valéria, Amáury, Thaysmary, Lay, Renata e Lua), quatro são pernambucanos. Hélio ainda relaciona o surgimento do coletivo com “a pesquisa de doutorado da prof Valéria Vicente que investigou os vínculos sociais do frevo com o carnaval em Olinda, entrevistou os mestres, fez uma imersão nas ladeiras de Olinda para compreender a história dessa dança e como ela cria um espaço de afirmação da identidade local.”

Figura 3 - Encontro de 16 de setembro de 2022



Fonte: Arquivo do Coletivo Pé de Frevo

No grupo focal foi lembrado por Amáury, Valéria e Renata que depois que essa apresentação de janeiro de 2022 não aconteceu por causa do retorno às restrições da pandemia, as pessoas quiseram continuar treinando frevo e foi de fevereiro a março que se juntaram outras pessoas também passando a ter treinos regulares. Em agosto de 2022 quando a universidade voltou do recesso, o grupo se nomeou como Pé de Frevo e então foi se construindo como um coletivo. De 2022 a 2024 o Coletivo realizou as seguintes atividades (de acordo com o portfólio e grupo focal):

Apresentação de dança no Lançamento do livro *Errância Passista* no Paço do Frevo, Organização do Lançamento do livro *Errância Passista* em João Pessoa, participação no Bloquinho

Espacial da FUNESC, apresentação de dança no Concerto de Carnaval da OSUFPB (Teatro Santa Roza), Oficina na tróça carnavalesca Tem Gogó Kirida? 2023, Oficinas para a Licenciatura em Dança da UFPB e em escolas de João Pessoa, Curso Intensivo de frevo para o carnaval 2023, Curso intensivo de frevo para o carnaval 2024, Oficina de frevo para o Centro Cultural Piollin (2023), participação na tróça carnavalesca Tem Gogó Kirida? 2024, Performance no evento “Bailaço”(2023), Performance no Recital da Classe de Canto Popular do Dep de Música da UFPB, organização de evento Roda de Passo e Filosofia com Ferreirinha.

### 3.3 VALÉRIA VICENTE, A FIGURA CENTRAL DO COLETIVO PÉ DE FREVO

Figura central, coordenadora ou mestra: Valéria Vicente organiza institucionalmente e faz o Coletivo Pé de Frevo acontecer. Valéria é passista, doutora no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA, professora de danças populares e preparação corporal do Departamento de Artes Cênicas (UFPB) e pesquisadora do Acervo Recordança (PE). Recifense que cresceu em Olinda, ela brinca carnaval e vive o frevo como foliã desde sempre. Na adolescência, anos 1990, fez aulas de jazz, dança contemporânea, dança moderna, teatro, ingressou na Escola Brasília de Expressão Artística, participou do Balé Brasília, do Maracatu Nação Estrela Brilhante, do Balé Brincantes e do Grupo Experimental. Foi nesse contexto da Escola Brasília do Balé Popular do Recife que Valéria teve contato com o ensino sistematizado de frevo e posteriormente ao Método Nascimento do Passo, fundador e professor na Escola Municipal de Frevo do Recife. Atuando em diversos processos artísticos e grupos de teatro e dança contemporânea de Recife no início dos anos 2000, passou a estudar práticas somáticas de dança e relacionar à sua própria corporalidade. Assim, a partir de 2005 desenvolve processos de criação artística com frevo, tendo realizado os espetáculos: Fervo (2006) que trata da relação entre movimentos do frevo e a violência urbana do Recife; Pequena Subversão (2007) que trata da relação entre desequilíbrio e alegria; Frevo de Casa (2014); Re/in-flexão (2017); Ebulição (2018). Fruto de sua pesquisa sobre o Frevo, Valéria publicou em DVD Trançados Musculares: saúde corporal e ensino do frevo (2011), e os livros Errância Passista (2022), Frevo para aprender e ensinar (2015); Entre a Ponta de é e o Calcanhar: Reflexões sobre como o frevo encena o povo, a nação e a dança no Recife (2009). Valéria tem uma relação próxima com outros grupos de frevo, como os grupos Guerreiros do Passo e Brincantes das Ladeiras. O grupo Guerreiros do Passo, principal fonte de informação sobre o Método Nascimento do Passo para o mestrado da mesma, criou seu “Experimento Frevo” que continua sendo apresentado para participar da temporada do espetáculo Fervo, a convite de Valéria (Vicente, 2022). Em sua pesquisa de doutorado, fez uma imersão artística partindo de uma

investigação somática no carnaval de Olinda/Recife acompanhando o grupo Brincantes das Ladeiras, seguindo a forma do grupo de viver o carnaval.

Figura 4 - Encontro de 05 de setembro de 2023



Fonte: Arquivo do Coletivo Pé de Frevo

No grupo focal, surgiu o debate sobre o papel de Valéria no Coletivo Pé de Frevo. Os integrantes presentes defenderam que Valéria é a mestra do Coletivo, como colocado direcionado a ela por Amáury, Renata e Itamira no grupo focal.

Val, você também tem que entender que o pé de frevo vem do entorno de você. Você é a nossa mestra. Eu sei que tem essa ideia de coletivo, mas é você. Porque é muito através de você. Tanto com a dinâmica do grupo, com a forma que é ensinado, isso reflete muito a sua forma de lidar. Então, é uma coisa coletiva, sim, mas sendo que gira em torno dessa figura Valéria Vicente. (Amáury)

Renata complementa:

Você traz a sua experiência com sua formação, com seu método, com o método do mestre que você traz também às vezes, que você conheceu e vivenciou. (Renata)

Eles ressaltam o papel de Valéria como mestra por conectar o Coletivo Pé de Frevo com a comunidade do frevo e com a história do passo. Reforçam que mesmo acontecendo treinos do Coletivo sem a presença de Valéria, se segue a sua progressão de aula de frevo, como será visto no sub capítulo a seguir. Ainda dizem que a presença da mestra, vai além da estrutura das aulas:

Mas não é só que a gente puxa os encontros a partir da sua abordagem. É que você está sim presente, mesmo não estando presente. (Renata)

Essa presença é comparada com a presença de mestres em outros contextos:

Outras várias práticas populares, tem o Mestre, mas sendo que tem outras pessoas que conseguem lidar com essas coisas sem o Mestre. Mas é a figura do Mestre que

tá ali conduzindo, seja espiritualmente, tecnicamente. É você que conduz, né?  
(Amáury)

Renata ainda ressalta que a conexão com a tradição do frevo se dá por intermédio de Valéria:

Mas a gente se enxerga na ancestralidade do frevo, do mestre Nascimento, porque você é nossa mestra. (Renata)

No entanto, Valéria não se autodeclara como mestra de frevo. Ela coloca que é uma artista e pesquisadora do frevo<sup>6</sup> “E quem me coloca nesse lugar [de mestra] é vocês.” (Valéria)

O coletivo surgiu a partir do pedido dos primeiros integrantes para que Valéria mantivesse o ensino de frevo com regularidade. Hoje, os integrantes do coletivo conseguem realizar seus treinos de frevo e oficinas externas sem a presença de Valéria, mas é ela que tem uma vida de experiência no frevo e um acúmulo de conhecimentos culturais, corporais, cinesiológicos e pedagógicos que a possibilita intermediar a relação dos integrantes com o frevo e a relação do Coletivo com a sociedade e o cenário do frevo. Assim, ela conecta a nossa atuação, individual e coletivamente, com a história do frevo.

Valéria é a única integrante do Coletivo Pé de Frevo que tem um papel diferente dos demais. Mesmo todos tendo diferentes formas de participar do coletivo, todos os integrantes têm a mesma posição e Valéria tem o papel de conectar os integrantes. É a ela que os integrantes vão se reportar quando for preciso tomar uma decisão ou tirar uma dúvida. Além de ser a liderança do grupo, é ela quem intermedia a relação dos integrantes com o saber do frevo dentro do contexto do coletivo. Ela tem o papel de "organizadora do ambiente social" do frevo, como Vigotski (2003, p. 296) caracteriza como papel do professor e eu relaciono com o papel de mestres da cultura no capítulo 2.

Nesse contexto em que além da prática coletiva de frevo se tem a sistematização dessa prática, Valéria tem um papel para além da condução social do coletivo, pois os conhecimentos sistematizados do frevo chegam ao coletivo através dela, e ainda para além disso, ela deu sua contribuição para a construção desses conhecimentos, inclusive propondo uma forma de ensinar frevo partir da pesquisa cinesiológica e sócio-histórica do frevo e criando uma nova proposta de

---

<sup>6</sup> A mesma indica que há poucas pessoas reconhecidas como Mestre da Dança Frevo e que esse título faz referência a uma trajetória de prática vinculada a esta tradição.

progressão de aulas de frevo supressumindo o Método Nascimento do Passo que foi o acúmulo histórico de sistematização do frevo no qual sua abordagem foi baseada e que apesar de transformado se mantém conservado dentro dela. No subcapítulo a seguir vamos apresentar essa progressão de aula de frevo que guia a maior parte dos treinos do Coletivo Pé de Frevo.

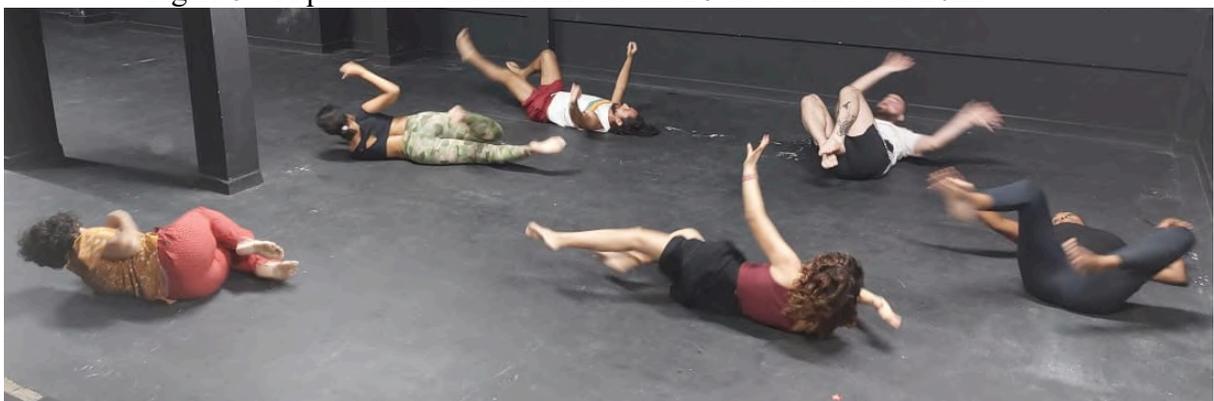
### 3.4 PROGRESSÃO DAS AULAS

As aulas do coletivo seguem, em sua maioria, a progressão proposta por Valéria Vicente e o fisioterapeuta Giordani de Souza (Kiran) a partir da pesquisa *Trançados Musculares: saúde corporal e ensino do frevo*, buscando um percurso saudável para o dançarino e publicado no livro *Frevo para aprender e ensinar* (2015). Assim, a aula segue a seguinte progressão que passa por cinco momentos.

O primeiro momento, chamado de Acordar, tem como objetivo aumentar a consciência corporal e a atenção ao corpo, podem ser feitas atividades de técnicas somáticas ou exercícios de propriocepção da área da fisioterapia. (Vicente; Souza, 2015, p. 81-82).

O segundo momento, do Aquecimento, é dividido em quatro etapas. Inicia-se com aquecimento geral, depois passa para Aquecimento Específico em que se realiza Rascunhos de Passos de frevo (realizados com menos amplitude de movimento e menos força muscular), faz-se um Alongamento Dinâmico, em que se faz movimentos de grande amplitude nas articulações do corpo relacionados ao movimento e então o aquecimento é finalizado com Ativação da Musculatura Abdominal, para evitar a sobrecarga lombar durante a prática dos passos. (Vicente; Souza, 2015, p. 82-84).

Figura 5 - Aquecimento do encontro do dia 26 de setembro de 2022



Fonte: Arquivo do Coletivo Pé de Frevo

Figura 6 - Alongamento na aula do curso intensivo de Frevo dia 18 de janeiro de 2023



Fonte: Arquivo do Coletivo Pé de Frevo

O terceiro momento é o momento da Técnica de Frevo, quando se estuda os passos desejados, suas dinâmicas, caminhos e conexões; a seguir é feita a Roda de Frevo, tradição trazida do Método Nascimento do Passo. “A roda é o momento em que cada aluno pode apresentar de que forma ele consegue transformar essa dança, que é coletiva e tradicional, numa expressão individual de sua energia criativa.” (Vicente; Souza, 2015, p. 85). Com a roda se encerra esse momento.

Figura 7 - Treino de passo na Praça da Paz 06 de junho de 2023



Fonte: Arquivo do Coletivo Pé de Frevo

Figura 8 - Treino de passo na aula do curso intensivo de Frevo dia 18 de janeiro de 2023



Fonte: Arquivo do Coletivo Pé de Frevo

O quarto momento é voltado para o Fortalecimento Muscular ativados durante a prática do frevo, Vicente e Souza (2015) recomendam que seja feito pelo menos um exercício de fortalecimento por grupo muscular dos membros inferiores. (Vicente; Souza, 2015, p. 86).

O quinto e último momento é o Desaquecimento, que trabalha o alongamento e a respiração. (Vicente; Souza, 2015, p. 86)

Figura 9 - Integrantes alongando após apresentação dia 18 de maio de 2023.



Fonte: Arquivo do Coletivo Pé de Frevo

Nem sempre seguimos essa proposta de progressão, mas a grande maioria das aulas seguem essa abordagem. Algumas vezes nossos encontros têm outros objetivos e seguem outros percursos, como a experimentação do frevo atrelado a outros conhecimentos de algum dos integrantes, por exemplo, já tivemos um encontro voltado para o treino de saltos conduzido por Elias e uma prática de biodança com frevo, conduzido por Renata que também é facilitadora de biodança.

Periodicamente seguimos a progressão de aula proposta pelo Mestre Nascimento do Passo em seu Método, com alguma adaptação ou preparação anterior ou sem nenhuma alteração à proposta. Seguimos o Método Nascimento do Passo com o objetivo de contextualização histórica do conhecimento do frevo e por esse método trazer um outro tipo de experiência corporal que pode nos proporcionar diferentes aprendizagens e compreensão das condições dos corpos que criaram o frevo. Além disso, a prática de outras sequências de aula pode nos proporcionar a possibilidade de comparar e refletir sobre métodos de prática e ensino de frevo.

#### **4 PARTICIPAÇÃO DOS INTEGRANTES NAS ATIVIDADES DE FREVO**

Quem são as pessoas que fazem parte do Coletivo Pé de Frevo?

Primeiro, vamos conhecer os integrantes listados no portfólio. Valéria Vicente foi apresentada no capítulo anterior, Karla Oliveira não participou da pesquisa e Olga Sorrentino sou eu, me apresentei na introdução. Amáury, recifense, 35 anos, está no coletivo desde o início, em

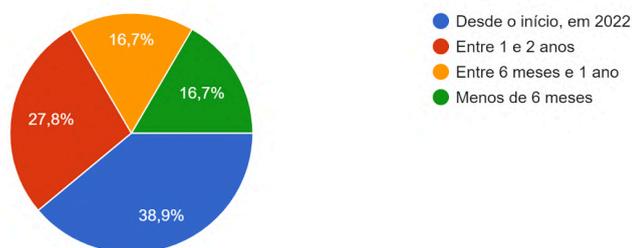
2022. Ele teve contato com o frevo desde a infância em contextos escolares e no carnaval de rua e já começou a participar dos treinos porque queria fazer criações artísticas com frevo. Elias Matias, nasceu em Penedo - AL e viveu boa parte da vida em Aracaju, 37 anos, participa do coletivo há 2 anos. De experiência anterior, ele dançou frevo numa apresentação de escola e já realizou apresentações de frevo pela Imaginart também. Itamira Barbosa, nascida em Campina Grande, cresceu em João Pessoa, tem 49 anos, participa há 2 anos. Antes já tinha dançado em festas, carnavais e apresentações cênicas. Lua Camboatá, pessoense, 31 anos, está no coletivo desde o início, em 2022. Antes do coletivo já tinha dançado em apresentação cênica no espetáculo Baile Muderno - Cia Fuá de Terreiro (2015). Luna Dias, de Recife, 35 anos, também está desde o início, em 2022, antes do coletivo ela brincou muitos carnavais em Recife e Olinda. Renata Lima, Pessoense, 28 anos, também participa desde o início, em 2022, antes do coletivo brincava no carnaval e na escola. Ariadne Bogo, Paraná, 26 anos, se juntou ao coletivo em 2022 e antes disso não tinha relação com o frevo, apenas um contato pontual. Hélio Lacerda, Araguaína-TO, 34 anos, está há 1 ano no coletivo e foi onde ele teve o primeiro contato com frevo.

Amanda Lopes, João Pessoa, 27 anos, só participou de 3 encontros no início do coletivo, antes ela tinha feito uma oficina de frevo na Hollywood nordestina e brincava no carnaval, ela respondeu foi a única pessoa que não respondeu à pergunta “Há quanto tempo participa do Coletivo Pé de Frevo?”. Já todos os demais participantes responderam.

Figura 10 - Gráfico Tempo de participação

Há quanto tempo participa do Coletivo Pé de Frevo?

18 respostas

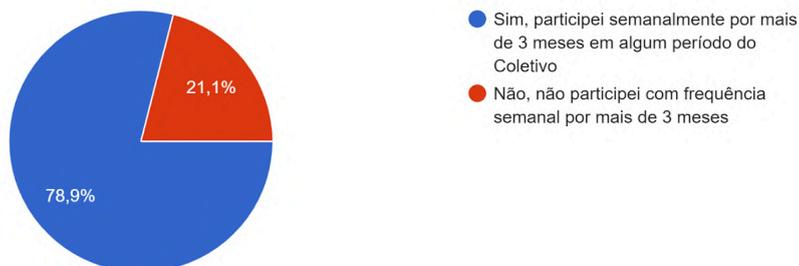


Fonte: Questionário com os integrantes feito por meio do Google Forms

Figura 11 - Gráfico Participação regular

Você chegou a participar do coletivo regularmente por meses seguidos?

19 respostas

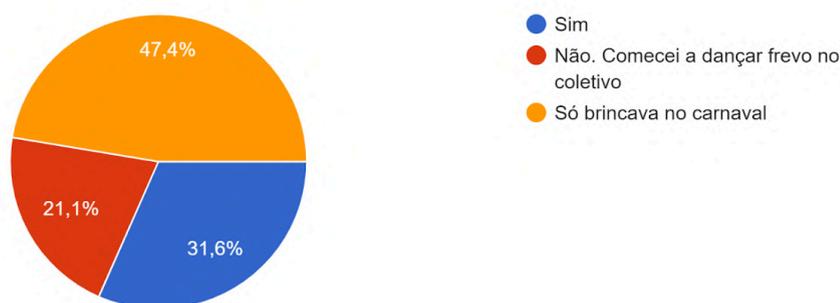


Fonte: Questionário com os integrantes feito por meio do Google Forms

Figura Figura 12 - Gráfico experiência anterior

Você já praticava a dança frevo antes de participar do Coletivo Pé de Frevo?

19 respostas



Fonte: Questionário com os integrantes feito por meio do Google Forms

Considerando que os demais participantes da pesquisa responderam a essa pergunta, entende-se que todos esses se entendem de alguma forma parte do Coletivo. São eles apresentados a seguir. Vinicius Brainer, pessoense, 17 anos, começou a participar este ano. Ele relatou que antes do coletivo ele tinha a experiência de brincar o carnaval de João Pessoa e de Recife, na infância, mas que não dançava os passos de frevo, dançava de forma não codificada. Tiago Lima de Gusmão, pessoense, 46 anos, entrou há 1 ano, antes brincava carnaval. Tatiany Simas, de Recife, entrou há 1 ano. Antes de estar no pé de frevo, ela fez aulas de frevo por 2 anos na escola de frevo em Recife. Analice, pessoense, 25 anos, entrou esse ano e foi o seu primeiro contato com frevo. Olívia Dória, pessoense, 28 anos, no coletivo há 2 anos, brincava carnaval antes de entrar no coletivo. Talita Lima Araújo, São Paulo, 35 anos, participa do coletivo há 1 ano, e já tinha feito uma oficina com Mestre Kenura em São Paulo. Sydney da Silva Veloso, Bayeux, 32 anos, está no coletivo desde o início e antes disso fez uma oficina de frevo por seis meses com

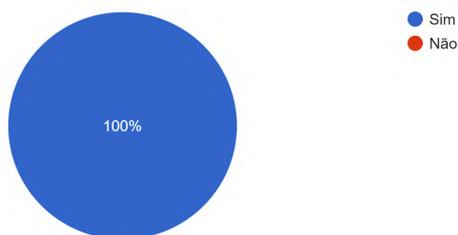
Marcos Brandão e desfilou com o clube e frevo Piratas de Jaguaribe no carnaval tradição de João Pessoa. Tatiana Domingos, João Pessoa, 32 anos, só participou no início dos treinos do coletivo, antes disso ela tinha feito aulas de frevo durante seu curso de graduação em dança e outras oficinas na cidade que aconteciam no período de carnaval. Larissa Rodrigues, Bayeux (nascida em João Pessoa), 22 anos, participou da disciplina Frevo junto com o Coletivo Pé de Frevo. Marla Melo, Recife, 23 anos, no coletivo há um ano, aprendeu frevo na escola quando morava em Recife e dançava frevo no Carnaval em blocos de rua.

Respondendo ao objetivo específico de avaliar junto aos integrantes do Pé de Frevo se houve alteração na participação em atividades de frevo após passarem a integrar o coletivo, temos como resposta ao questionário online que 100% dos integrantes responderam que sim, houve mudança na sua relação com frevo.

Figura 13 - Gráfico mudança na relação com o frevo

Você avalia que sua relação com o frevo mudou por causa de sua participação no Coletivo Pé de Frevo?

19 respostas

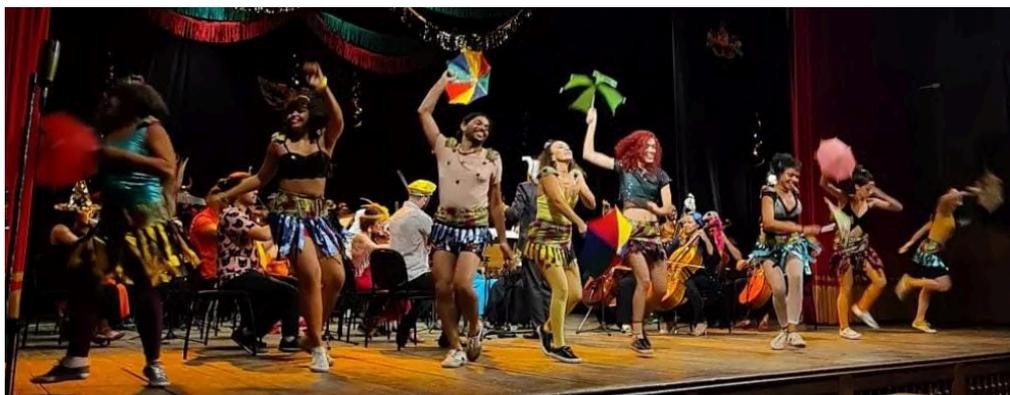


Fonte: Questionário com os integrantes feito por meio do Google Forms

#### 4.1 NOVAS ATIVIDADES DE FREVO

Depois que passaram a integrar o Coletivo Pé de Frevo, várias pessoas que antes só dançavam frevo no carnaval ou não tinham contato com frevo passaram a desenvolver novas atividades de frevo, dentro do coletivo ou em outros contextos. Treze chegaram a participar de apresentações cênicas junto ao coletivo, que já dançou com a OSUFPB, em um recital com tema de frevo da classe de canto popular e em uma performance na edição do evento Bailaço, promovido pela FUNESC. Dessas treze pessoas, nove nunca tinham dançado frevo em apresentações cênicas antes, então elas tiveram essa nova experiência de dançar frevo em cena dentro do coletivo. Tiago relatou: “cheguei até a me ver, pasmem, dando saltos ao me apresentar como se fosse um passista.”

Figura 14 - Pé de Frevo no Concerto de Carnaval da OSUFPB dia 10 de fevereiro de 2023



Fonte: Arquivo do Coletivo Pé de Frevo

Figura 15 - Foto após apresentação dia 18 de maio de 2023



Fonte: Arquivo do Coletivo Pé de Frevo

Além disso, duas pessoas que responderam o questionário desfilaram com clubes de frevo no carnaval tradição de João Pessoa de 2024. Ariadne, no Clube Alegria do Frevo e Tatiana Domingos, apesar de não ter tido disponibilidade para acompanhar os treinos do coletivo, desfilou no Clube Ciganos do Esplanada. Talita brincou carnaval em João Pessoa e Recife/Olinda pela primeira vez depois de participar do coletivo, antes ela tinha feito uma oficina de frevo com Mestre Kenura em São Paulo.

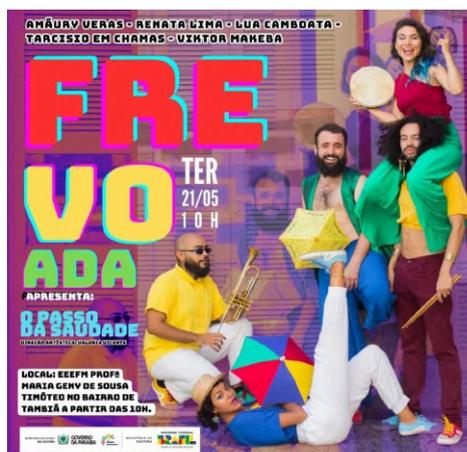
Também surgiram vários trabalhos artísticos criados pelas pessoas do coletivo que envolvem frevo. Ariadne e Renata passaram a investigar a junção do frevo com acrobacia aérea. Renata apresentou o solo Trocadilho - número de frevo no trapézio ou na Lira - no espetáculo conexões (Escola Livre de Circo Djalma Buranhém), espetáculo Pulso (Ponto Triplo), Festival MaRGen (Festival de Artes da EEEFM Profª Maria Geny) e no espetáculo O Picadeiro é Delas (I Encontro de Mulheridades Nordestinas do Circo). Já Olívia inseriu o frevo em uma contação de histórias.

Sete integrantes relataram terem ministrado aulas e oficinas de frevo. Algumas oficinas foram organizadas pelo coletivo e outras em outros contextos. Elias ministrou aulas de Frevo tanto antes quanto depois de participar do Coletivo. Os outros seis passaram a ministrar aulas de frevo após a participação no coletivo. Lua deu oficinas em blocos de carnaval de João Pessoa e também deu aulas práticas e teóricas, como professora de arte na escola. Hélio e Luna foram morar em outros países e lá organizaram oficinas de frevo. Hélio que antes do coletivo não tinha contato com frevo, passou a ter diversas atividades com frevo, brincou no carnaval e em festas, dançou em apresentação cênica, realizou criação artística com frevo, incorporou passos do frevo para o forró e também relatou que organizou três oficinas na França. Luna organizou duas oficinas na Guiana Francesa para crianças e adultos e ela também se apresentou com o grupo Spirales Band. Tatiana Domingos já tinha ministrado aulas de Frevo antes do Coletivo e passou a incluir o frevo na sua Aula de Rítmicos na Academia. Para além das atividades do coletivo, integrantes do coletivo compuseram três espetáculos que têm elementos ou temática de frevo, são eles: Camisa de carnaval, Passo da saudade e Corpa Futurista.

Em 2022, Amáury, Lua e Renata, formaram (junto com Viktor Makeba) o grupo Frevoada e criaram o espetáculo Passo da Saudade, Valéria passou a ser a diretora do grupo e o espetáculo foi apresentado no Paço do Frevo, no interior da Paraíba e em escolas públicas da capital.

Amáury estava aprendendo um repertório musical de frevo, então ele, eu, Lua e Viktor Makeba decidimos criar o que era o Quarteto Experimental de Frevo, onde Ámaury canta, toca teclado e dança, Viktor toca percussão e eu e Lua dançamos. Pouco depois entrou Tarcísio em Chamas, no trompete e em seguida convidamos Val para fazer nossa direção. Frevoada já fez apresentações, entre 2022 e 2024, na Comemoração do primeiro Dia do Passista de Frevo, no Paço do Frevo (Recife), no evento de lançamento do livro Errância Passista, de Valéria Vicente em João Pessoa, no Dia de Reis do Cavalo Marinho Infantil de Mestre Tina, no Festival A Cena do Lado de Fora da Cena, na Caravana Interatos (FUNESC), em escolas da rede pública pela Lei Paulo Gustavo. (Renata)

Figura 16 - Cartaz de divulgação do espetáculo O passo da Saudade do grupo Frevoada



Fonte: Divulgação em redes sociais

Segundo Lua “Frevoada surge do Pé de frevo, então esse é o principal fruto do coletivo.”

Amáury também criou, junto com o grupo Lampiart, o espetáculo Camisa de Carnaval, atuando como diretor, dramaturgo e compositor do espetáculo.

“Eu tinha escrito um conto chamado Camisa de Carnaval e estava pesquisando o carnaval fazia um tempo para montar um espetáculo com esse conto.” registra ele. Renata atua como coreógrafa do espetáculo e já esteve também como passista. O espetáculo foi apresentado na Bróduei Nordestina, na Mostra Lamparina de Teatro Infantil, no Viva Usina e recebeu o prêmio de melhor coreografia na II Bróduei Nordestina.

Figura 17 - Cartaz de divulgação do espetáculo Camisa de Carnaval



Fonte: Divulgação em redes sociais

Lua também criou junto com Karla Oliveira o espetáculo Corpa Futurista (2022), com elementos inicialmente estruturados para o show de Luana Flores, Nordeste Futurista e se tornou um espetáculo a parte em que se passa por várias danças e manifestações culturais, uma delas é o frevo. Também com direção de Valéria Vicente.

Figura 18 - Cartaz de divulgação do espetáculo Corpa Futurista



Fonte: Divulgação em redes sociais

## 4.2 OUTRAS TRANSFORMAÇÕES

A seguir, veremos os relatos deixados pelos integrantes sobre que transformações identificaram nas suas atividades em resposta à pergunta “Você mudou de motivação em relação a sua participação ao longo do tempo? Se sim, para qual?” e em outro espaço do questionário online em que ficou aberto para os participantes relatarem a mudança da relação com o frevo causada pela participação no Coletivo como preferissem.

Olívia falou sobre a diferença de treinar o frevo em um ambiente específico de ensino. Para ela foi importante o deslocamento do frevo do ambiente do carnaval para o ambiente de ensino, por ela ser autista e precisar de um ambiente favorável para conseguir observar o frevo e ter atenção a si mesma para não se lesionar. Acredito que mesmo para pessoas neurotípicas o deslocamento do ensino de frevo cumpre esse papel de ter um ambiente social em que o foco seja a aprendizagem do movimento, dando a oportunidade às pessoas de prestar atenção em si mesmas, em sua dança, na dança dos outros, tirar dúvidas sobre os passos e focar em cada passo; já no ambiente do carnaval isso não é tão fácil, porque muita coisa acontece ao mesmo tempo, as pessoas estão com o foco maior em se divertir, acompanhar a agremiação, e mesmo se for para a rua com o foco em aprender o passo, terá mais dificuldade para conseguir observar a dança dos outros em meio a tanta coisa. Apesar disso, é também uma forma de aprender o frevo, observando os passos e tentando fazê-los na rua, ao mesmo tempo a pessoa terá que lidar com a multidão, a música e o andar da agremiação. Um contexto que pode ser mais favorável são as rodas de frevo, em que cada passista dança no centro da roda, mas nesse contexto é menos provável que a pessoa que está observando faça o movimento simultaneamente.

No grupo focal, respondendo à pergunta sobre vantagens e desvantagens de praticar o frevo em um ambiente de ensino, Ariadne ressaltou a sensação que sente ao dançar frevo na roda:

A gente trabalha bastante a parte da improvisação aqui. Mas eu sinto que a parte da improvisação aqui me deixa muito nervosa. Porque tem uma roda, tem que estar no meio de todo mundo, tem gente que se admira, né? Eu admiro todo mundo aqui, isso me deixa muito nervosa.

No carnaval, eu sinto que ninguém tá olhando, é uma coisa mais espontânea pra mim. (Ariadne)

Apesar de causar esse sentimento de nervosismo, estar sendo visto e ter a atenção de outras pessoas no seu movimento pode contribuir aumentando a própria atenção da pessoa ao movimento que está fazendo. Assim, a atenção que vem de outras pessoas é internalizada para pensar o próprio movimento e isso pode contribuir com o desenvolvimento da consciência de quem dança sobre as escolhas de movimento que faz. Enquanto Ariadne relatou se sentir nervosa por dançar no ambiente do Coletivo, Analice relatou o oposto:

Eu acho que um ponto positivo é que, pra quem é muito retraído, aprender de forma espontânea nos lugares, às vezes, é muito difícil. E aí, quando você tem um ambiente de estudo, de aprendizado, você meio que vai tipo “ah, tudo bem, eu posso ser ruim aqui,” sabe? E foi o que aconteceu comigo, inclusive, porque se fosse para aprender na rua, eu acho que dificilmente eu aprenderia, porque eu nunca desenvolvi muita habilidade com dança (Analice)

Por ser um ambiente com o objetivo de ensino, ela se sente confortável em experimentar os passos de frevo mesmo que não consiga fazer como gostaria imediatamente. Segundo Feldenkrais (1997), “muitas pessoas nem mesmo tentam fazer coisas especializadas e, como resultado, nunca tentam ações dos dois estágios anteriores, o que está dentro da capacidade de todos.” (Feldenkrais, 1997, p.47). Como discutido no capítulo 2, o contexto dos encontros do Coletivo Pé de Frevo, mesmo já promovendo a prática da dança do frevo, tem também um caráter preparatório para sua realização em contextos sociais (como o carnaval ou apresentações cênicas), então, Analice se sente confortável em passar pelo processo de aprender os passos nesse ambiente preparatório, enquanto possivelmente se cobraria uma performance já especializada no ambiente da rua, por ser o contexto original da dança e o ambiente social de sua realização. Apesar de ser um ambiente preparatório e organizado como ambiente de ensino, nos encontros do Coletivo se pratica a atividade de dançar frevo, passando por momentos de treino de passos e pesquisa, mas também pelo momento da roda, que é um momento para cada um ser visto dançando pelos outros integrantes e cumpre o papel de socialização da dança de cada integrante dentro do Coletivo.

Elias, Sydney e Vinícius falaram sobre a compreensão da importância da preparação e fortalecimento para praticar o frevo. E Itamira disse que teve “Mudança no entendimento da construção dos passos no corpo, das emendas de um passo no outro, da conexão com a música e cada instrumento”

Itamira comentou que as condições favoráveis (piso adequado, sapato adequado e preparação corporal) que o ambiente controlado pode proporcionar levam as pessoas a conseguirem ultrapassar os limites do que poderiam fazer na rua. Assim, ultrapassando esses limites se pode ampliar a capacidade dos movimentos que depois podem também se manifestar em condições menos favoráveis, como na rua.

Renata colocou que o treino de frevo motiva para participar de mais frevo ao longo do ano, para além do período do carnaval, e como não tem, motiva a inventar novos espaços para o frevo. “Acho que a desvantagem é porque eu fico querendo que tenha mais período de carnaval durante o ano. E aí, então, a gente vai criando de outros jeitos, né? Outras coisas para poder ter frevo o ano todo.”

Vinicius passou a querer saber tudo sobre frevo, depois “de ver que as outras pessoas sabiam passos, técnicas e histórias que eu não sabia, minha motivação saiu de só pra conhecer um pouco (curiosidade) pra quero saber sobre tudo que posso sobre frevo”

Pelo relato de Vinicius o que lhe causou interesse no frevo foi ver acontecendo e ver pessoas interessadas pelo frevo. Depois da fase da curiosidade, ele se interessou por ver a relação de outras pessoas com o frevo e os conhecimentos que essas pessoas tinham, que passaram a ser uma possibilidade para ele e ele incorporou o frevo aos seus interesses.

Tiago falou sobre a construção da cena de frevo em João Pessoa e a conexão com a cena de pernambuco.

Nos meus 46 anos de pessoense nascido e criado nessa terrinha, sempre vi o frevo e marchas no carnaval por aqui. Muito mais as marchinhas... mas o que há bastante tempo percebo de tão diferente em Pernambuco, é a malha social envolvida com essas tradições. Tantas pessoas apaixonadas que grupalmente, em coletivos, fazem esse trabalho com o frevo por todo o ano, transformando vidas de tantas crianças, tantas pessoas, com tanta beleza. Sinto o pé de frevo como uma linda Brasinha dessa fogueira pernambucana, tecendo pessoas nessa brincadeira, na minha terrinha. O que mudou em mim foi isso... a sensação de, mesmo sendo a mesma pessoa que só está afim de brincar, estar bem mais próximo dessa rede. Nela, por alguns instantes, me deitei e cheguei até a me ver, pasmem, dando saltos a me apresentar como se fosse um passista. Sou imensamente grato pelo acolhimento, mas, muito mais pelo zelo desse povo com a cultura popular, com a construção de uma cultura coletiva, bela e amorosa tão fundamental para os tempos que temos vivemos. Tão sempre bem vinda para essa cidade, para nossas crianças, e para nós. Minha gratidão se estende ao curso de dança que tem feito um trabalho tão cuidadoso e respeitoso com os mestres da cultura popular paraibana. (Tiago)

Hélio relata transformações que aconteceram em sua vida e sua forma de ver o mundo para além do Frevo.

“Fazer um rascunho”, esse conceito me ajudou a pensar outras coisas da vida, por exemplo, na escrita acadêmica: o rascunho me trouxe uma certa liberdade de criar, experimentar, sentir coisas novas e me distanciar da dualidade certo X errado. A partir do coletivo, eu mudei minha concepção sobre criar, misturar e brincar a partir de outros parâmetros, não preciso seguir um modelo. A partir do que já existe (os passos básicos) eu posso fazer outras coisas sem amarras. O frevo me ajudou também a afrouxar algumas amarras morais, me ajudou a ser mais lúdico e menos rígido (no forró e na vida acadêmica).”

Assim, vemos que sua participação no coletivo teve um impacto significativo em várias áreas da vida que envolvem a criação, pois ele pode ter uma nova concepção de como pode ser a atividade criativa. Ele também relatou que incorporou passos do frevo para o forró, e que sua dança ficou “mais leve, menos técnica e mais livre.”

Ele relata também que foi a partir do Coletivo Pé de Frevo que passou a se apropriar dos espaços da UFPB e passar a ter uma relação de pertencimento com a universidade, que antes lhe parecia hostil.

Figura 19 - Encontro do dia 19 de dezembro de 2023



Fonte: Arquivo do Coletivo Pé de Frevo

Renata relatou que ao longo do tempo de participação no coletivo foi criando outros grupos e produções com frevo e passou a ter uma relação profissional com o frevo, passou a dar aula de frevo e teve o frevo como mais uma das técnicas artísticas que trabalha. Passou a tentar se apropriar da metodologia de ensino de frevo proposta por Valéria. Acredito que também as relações pessoais do coletivo foram importantes para a criação de um dos grupos que surgiram, Frevoada é composto por três pessoas do coletivo por exemplo, com Renata, Lua e Amáury.

Quando perguntado sobre se sua motivação mudou para participar do Coletivo, Amáury responde sobre os objetivos do Coletivo, interpreto isso como uma fusão de sua motivação com a organização do Coletivo, sua motivação é fazer com que o Coletivo exista e atinja seus objetivos, pois ele também é responsável por isso. Ele é uma das pessoas que sugeriu continuar com os treinos de frevo causando o surgimento do coletivo e hoje é um dos integrantes que também conduz alguns treinos. Em relação aos objetivos do Coletivo, ele ressalta que o coletivo já teve a intenção de montar apresentações, mas segundo sua avaliação que o coletivo “é muito mais uma iniciativa de trazer a brincadeira e prática de frevo para a comunidade do que um coletivo de montagem de apresentação”.

Por fim, Amáury avalia que a partir da participação no coletivo se transformou de folião em passista. O passista dança com uma relação com o frevo para além do prazer de dançar, fazendo parte da cultura do frevo. Então, os passistas dançam no carnaval, seja desfilando em agremiações ou brincando sozinho ou em grupo pelo carnaval. Também podem participar de concursos de dança e desenvolver performances e apresentações cênicas. Assim, têm uma relação mais

profissional com o frevo, mesmo que dance por diversão, tem uma relação de maior dedicação com o passo. O folião é uma pessoa que brinca durante o carnaval para se divertir. Os dois constroem a dança frevo, mas o passista tem uma atuação de mais visibilidade perante outras pessoas.

Antes do coletivo eu era folião. Dançava frevo, mas não tinha um repertório de passos legais, não sabia ensinar, não conhecia tantos frevos, nem conhecia muito bem as histórias dos mestres. Depois do coletivo eu virei passista e professor de frevo. Tenho um bom repertório de passos, conheço muitas músicas, sei algumas histórias e aprendi a ensinar frevo pelo método da minha mestra Valéria Vicente. (Amáury)

Então, por mais que a maioria dos integrantes já tivesse alguma relação com o frevo e dançasse em algum contexto, foi no Coletivo Pé de Frevo que eles passaram a ter uma relação consciente, ou seja, passaram a realizar a atividade de dançar frevo de forma planejada e tendo uma perspectiva de futuro para si mesmos em relação com a atividade. Como a perspectiva de treinar em condições favoráveis para ampliar seus limites e conseguir fazer passos mais difíceis, inicialmente num ambiente específico, e possivelmente realizá-los em outros ambientes sociais de realização do frevo, como palcos e o próprio carnaval de rua. No caso de Amáury, ele expressa uma perspectiva de futuro e planejamento para o próprio Coletivo Pé de Frevo, para que o coletivo atinja seus objetivos.

“Ao se apropriar de um produto cultural, o indivíduo está se relacionando com a história social, ainda que tal relação nunca venha a ser consciente para ele. [...] Tal consciência só surge quando o desenvolvimento sócio-histórico produz a necessidade dos estudos sobre” (Duarte, 2004, p. 51). De forma espontânea o indivíduo pratica o frevo se relacionando mais com o contexto da prática do frevo do que com a atividade de dança do frevo. No Coletivo Pé de Frevo os integrantes passaram a ter um estudo sistematizado da dança do frevo.

E assim como a sistematização teve um papel determinante na transformação do frevo ao longo da história e em suas transformações, também teve um papel determinante na transformação do frevo na vida das pessoas e na relação das pessoas com o frevo, motivou o surgimento de novas atividades, novos elementos e o aprofundamento de elementos variados, novas possibilidades de criação de atividades com o frevo em palcos, desfiles, nas ruas e até o surgimento de novas atividades de ensino.

Figura 20 - Encontro dia 17 de outubro de 2023



Fonte: Arquivo do Coletivo Pé de Frevo

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ESPONTANEIDADE E A SISTEMATIZAÇÃO NA PRÁTICA DO COLETIVO PÉ DE FREVO**

A partir da pesquisa podemos ver que a prática sistematizada dos integrantes no Coletivo Pé de Frevo transformou sua participação em atividades de Frevo. Todos os participantes relataram que tiveram uma mudança na sua relação com o frevo causada pela participação no coletivo. Vários desenvolveram novas atividades, como apresentações cênicas, desfiles em clubes de frevo, outros se sentiram aptos a ministrar oficinas e aulas de frevo e ainda surgiram dois espetáculos com temática de frevo e um com elementos de frevo criados por integrantes do coletivo. Então vemos o impacto que a participação deles teve em suas atividades, e assim as suas atividades passam também a ter influência no frevo. O ensino de dança tem o duplo efeito: a transformação da consciência dos indivíduos envolvidos no processo e a construção da própria atividade dança, que se dá a partir da ação dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, chegando a alcançar outros âmbitos. Podemos ver a transformação da consciência dos integrantes em seus relatos, como o caso de mudanças no entendimento sobre o preparo corporal para o frevo e de ter compreensão dos passos. Mas principalmente vemos a transformação da consciência dos integrantes refletida na transformação de sua participação na construção da própria atividade com a dança frevo. Pois eles passaram a ter uma outra relação com o frevo e construir atividades variadas com o frevo. Como foi relatado por Renata, surgiu a vontade de promover mais atividades com frevo para que elas acontecessem ao longo do ano, para além do período de carnaval. Assim, vários integrantes desenvolveram novas atividades, como a criação de espetáculos e oferecer cursos ou ministrar

aulas. E na realização dessas atividades eles passam a ser uma referência do que é o frevo, então influenciam também o frevo. Em outras atividades também tem essa influência, mas ministrando aulas e criando espetáculos isso é amplificado. Até mesmo dentro do coletivo eles também influenciam a construção do frevo pois passam a ser referência uns para os outros e em atividades públicas do coletivo para outras pessoas da sociedade. Também percebemos a transformação na percepção de si mesmos no universo do frevo, como os relatos de passarem a ter uma relação profissional e os que relataram que se transformaram em assistentes, passaram a se ver dentro desse universo.

A minha participação no Coletivo Pé de Frevo me fez perceber que o conhecimento sistematizado de frevo me dá mais liberdade para criar novas formas de dançar, pois amplia minhas possibilidades, ao contrário do meu pensamento anterior de que me limitaria ao aprender os passos. Para os outros integrantes é expresso em suas falas que a participação no Coletivo os fez entender o frevo como uma expressão cultural e se familiarizar com a cultura e a história do frevo, que ampliaram sua consciência corporal na prática do frevo e passaram a ter a necessidade de sistematizar esse conhecimento para outras pessoas, ministrando aulas e oficinas ou organizando outras atividades de frevo que envolvem outras pessoas.

Essa pesquisa se faz relevante, pois documenta de forma pioneira atividades realizadas pelo Coletivo Pé de Frevo e outras atividades de frevo realizadas no período em João Pessoa. Pode contribuir para a reflexão sobre o ensino de artes e de frevo. Tem como benefícios a contribuição na construção do conhecimento científico, e poderá colaborar com a reflexão acerca dos impactos do ensino de frevo na prática do frevo. Para benefício pessoal dos participantes, a pesquisa registra as atividades que envolvem frevo realizadas por eles e pelo Coletivo que integram.

## REFERÊNCIAS

- DUARTE, N. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 44-63, abr. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100004> Acesso em: 23 out. 2024.
- FELDENKRAIS, M. **Consciência pelo movimento**. São Paulo: Summus, 1977.
- LEONTIEV, A. **Atividade Consciência Personalidade**. Bauru: Mireveja, 2021.
- LIBANEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 14. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- MARTINS, Olga. **Relatório final da disciplina Danças Populares - Elementos Técnicos e Potencialidade Criativa, 2021.2**. João Pessoa: UFPB, 2022.
- POLITZER, Georges; BESSE, Guy, CAVEING, Maurice. **Princípios fundamentais de Filosofia**. São Paulo: Hemus, 2002.
- SALES, Hayala César de. Ensino e aprendizagem da dança do frevo: uma reflexão sobre a atuação pedagógica do grupo guerreiros do passo. *In: ENCONTRO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA*, 3., 2013, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Gaalóá 2013.p. 1-7. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2013/trabalhos/ensino-e-aprendizagem-da-danca-do-frevo-uma-reflexao-sobre-a-atuacao-pedagogica?lang=pt-br>. Acesso em: 23 out. 2024.
- SALES, Hayala César de. **Entrelaçando artes: Frevo, Ala Ursa e processos de criação em dança na escola**. Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA. João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20371> Acesso em: 23 out. 2024.
- SOUZA, L. K. de. Recomendações para a Realização de Grupos Focais na Pesquisa Qualitativa. **PSI UNISC**, [S./], v. 4, n.1, p. 52-66, 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/13500/8617> Acesso em: 23 out. 2024.
- SPANOS, Kathleen A; BEZERRA, Amílcar Almeida. Dancing between Pedagogy and Performance: Guerreiros do Passo and the Case of Brazilian Frevo. **Dance Chronicle**, v. 43, Philadelphia: Taylor & Francis, Inc, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01472526.2019.1708141> Acesso em: 23 out. 2024.
- STÁLIN, Joseph. **Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico**. Recife: Edições Manoel Lisboa, 2010.
- VICENTE, Ana Valéria. **Entre a ponta de pé e calcanhar: reflexões sobre como o frevo encena o povo, a nação e dança no Recife**. Recife: UFPE, 2009. Olinda: Associação Reviva, 2009.

VICENTE, Ana V. Frevo: uma arte urbana, a dança e suas formas de ensino. *In*: VICENTE, Ana V.; SOUZA, Giordani G. Q. **Trançados musculares: saúde corporal e ensino do frevo**. Recife: Editora Associação Reviva, 2011. 1 DVD. Disponível em: <https://frevopesquisablog.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/frevo.pdf> Acesso em: 23 out. 2024.

VICENTE, Ana Valéria; Souza, GIORDANNI G. Q. **Frevo para aprender e ensinar**. Recife: Editora da UFPE, 2015.

VICENTE, Valéria. **Errância passista: frevo e processo de criação em dança**. Jundiaí: Paco Editorial, 2022.

VIGOTSKI, L.S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003. Disponível em: <https://mundonativodigital.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/11/vigotski-l-s-psicologia-pedagogica-1.pdf> Acesso em: 23 out. 2024.

## APÊNDICE I

### ROTEIRO GRUPO FOCAL - PÉ DE FREVO

- 1- Apresentação individual: de onde é e experiência com frevo
- 2- O que muda na relação com o frevo a partir dos treinos coletivos?
- 3- Qual a diferença entre dançar conhecendo a forma e o nome dos passos e a experiência de dançar frevo sem conhecer passos específicos?
- 4- Espontaneidade
- 5- Como é treinar frevo fora do ambiente de carnaval? Quais vantagens e desvantagens?
- 6- Como surgiu o Coletivo Pé de Frevo? Quais os objetivos do coletivo?

“Já pensamos em talvez montar apresentações de frevo com o coletivo. Inclusive no ano de 2023 apresentamos com vários passista no concerto que havia motivado o início do coletivo. Eu n participei pq tinha deslocado o ombro há pouco tempo. Mas fomos percebendo que o coletivo Pé de Frevo é muito mais uma iniciativa de trazer a brincadeira e prática de frevo para a comunidade do que um coletivo de montagem de apresentação.”

Passos de frevo inventados no coletivo: Desloca ombro, parafuseta, alicate de unha, coice de égua, cabêfrevo e tesoura giratória.

**APÊNDICE II**

Questionário online

# Participação em atividades de Frevo - Pesquisa com integrantes do Coletivo Pé de Frevo

Aqui é Olga Sorrentino Martins, estou concluindo o curso de Licenciatura em Dança e para meu Trabalho de Conclusão de Curso estou pesquisando as reverberações do Coletivo Pé de Frevo na prática de Frevo dos seus integrantes. Convido todas as pessoas que participam ou já participaram dos encontros do Coletivo a responderem esse questionário e colaborarem com minha pesquisa.

## 1. Nome Completo

---

## 2. Gênero

*Marcar apenas uma oval.*

Mulher Cis

Mulher Trans

Travesti

Homem Cis

Homem Trans

Não-binária

Outro: \_\_\_\_\_

## 3. Idade

---

## 4. Há quanto tempo participa do Coletivo Pé de Frevo?

*Marcar apenas uma oval.*

- Desde o início, em 2022
- Entre 1 e 2 anos
- Entre 6 meses e 1 ano
- Menos de 6 meses

## 5. Neste ano de 2024, com que frequência você participou dos encontros do coletivo?

*Marcar apenas uma oval.*

- Toda semana
- 1 a 2 vezes por mês
- 1 vez no mês
- Eventualmente

## 6. Você participou do curso intensivo de frevo em janeiro do 2023?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

## 7. Você participou dos treinos pré-carnaval de 2024?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

8. Você chegou a participar do coletivo regularmente por meses seguidos?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim, participei semanalmente por mais de 3 meses em algum período do Coletivo

Não, não participei com frequência semanal por mais de 3 meses

9. O que é o Coletivo Pé de Frevo?

---

---

---

---

---

10. Você sabe como surgiu o Coletivo Pé de Frevo? Pode nos dizer o que sabe?

---

---

---

---

---

11. O que lhe motivou a começar a participar dos encontros do Coletivo Pé de Frevo? Qual era seu objetivo inicial?

---

---

---

---

---

12. Você mudou de motivação em relação a sua participação ao longo do tempo?  
Se sim, para qual?

---

---

---

---

---

13. Você já praticava a dança frevo antes de participar do Coletivo Pé de Frevo?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não. Comecei a dançar frevo no coletivo
- Só brincava no carnaval

14. Caso sim, em que contexto você dançava frevo?

---

15. Desde que você vem participando do Coletivo Pé de Frevo que atividades com frevo você participou além dos encontros do coletivo?

*Marque todas que se aplicam.*

- Brinquei no carnaval de João Pessoa
- Brinquei no carnaval de Recife/Olinda
- Dancei em festas
- Desfilei com um grupo de frevo
- Dancei frevo em uma apresentação cência
- Realizei uma criação artística com frevo (dança, circo, teatro, música, etc)
- Ministrei oficina ou aula de frevo
- Outro: \_\_\_\_\_

16. Qual dessas atividades você já tinha realizado antes de participar do Coletivo Pé de Frevo?

*Marque todas que se aplicam.*

- Brinquei no carnaval de João Pessoa
- Brinquei no carnaval de Recife/Olinda
- Dancei em festas
- Desfilei com um grupo de frevo
- Dancei frevo em uma apresentação cênica
- Realizei uma criação artística com frevo (dança, circo, teatro, música, etc)
- Ministrei oficina ou aula de frevo
- Outro: \_\_\_\_\_

17. Relate essas suas experiências com frevo fora do Coletivo. Quando e onde você realizou essas atividades? Com que grupos? (Cite os nomes dos blocos, espetáculos, grupos de frevo, etc)

---

---

---

---

---

18. Você se lembra de algum passo inventado por você ou outra pessoa do Coletivo Pé de Frevo? Se sim, quais?

---

---

---

---

---

19. Você avalia que sua relação com o frevo mudou por causa de sua participação no Coletivo Pé de Frevo?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

20. Se sim, fique a vontade para relatar essa mudança como preferir

---

---

---

---

---

21. Espaço para o que mais você desejar relatar em relação ao frevo ou ao Coletivo Pé de Frevo (opcional)

---

---

---

---

---

22. Espaço para sugestões para minha pesquisa (opcional)

---

---

---

---

---